



# PUC

MARCELO SANTANA FERREIRA

OS HOMOSSEXUAIS E A AIDS: IMAGENS DE UMA EPIDEMIA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Departamento de Psicologia

Rio de Janeiro, 30 de setembro de 1996.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

RUA MARQUÊS DE SÃO VICENTE, 225 - CEP 22453-900

RIO DE JANEIRO - BRASIL

N.º 150 F383h TESE UC  
Título Os homossexuais e a aids



Ex. 1 UCE

0135789

MARCELO SANTANA FERREIRA

**OS HOMOSSEXUAIS E A AIDS : IMAGENS DE UMA EPIDEMIA**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Departamento de Psicologia

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, setembro de 1996

MARCELO SANTANA FERREIRA

**OS HOMOSSEXUAIS E A AIDS: IMAGENS DE UMA EPIDEMIA**

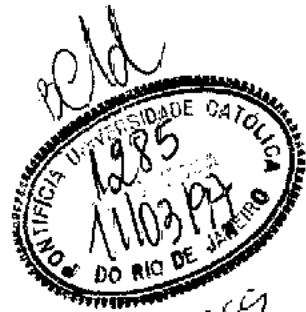
Dissertação apresentada ao  
Departamento de Psicologia  
da PUC/RJ como parte dos  
requisitos para obtenção  
do título de Mestre em  
Psicologia Clínica.  
Orientadora: Solange Jobim  
e Souza

Departamento de Psicologia

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, setembro de 1996.

UC 68625-1



135789

150  
R 383h  
TESE UC

Ao Claudionor, Carlinhos e Hermes um trio imbatível na  
matéria "vida".

## AGRADECIMENTOS

À minha mãe, mulher firme que nos ensina a criar nossos próprios caminhos.

Aos meus irmãos, especialmente Rose e Paulinho.

Aos amigos Paulo e Deni, testemunhas de nossos sonhos, por fazermos abrigos generosos com nossas mãos, bebermos goles de nossos tempos, estarmos vivendo.

Ao Waldir, aliado de nossas mais doces conquistas. Você é maravilhoso.

À Weciany, pelos olhos brilhantes que me reconhecem. Amiga no exato sentido do termo.

Ao Edson, namorado da minha menina-caramelo, rapaz que roubou nossos corações pela sinceridade, carinho e lealdade. Lembro de ti junto com a música "Stand by me" que é da trilha sonora de um filme com River Phoenix.

À Palmira, potencial invejável, essa lembrança vai como uma flor de delicado perfume. Espero que goste de flores.

À Rita, que descobri cúmplice. Que descobri mágica, que descobri amiga, por tudo que ainda temos que viver juntos.

À Lolô, nosso tesouro. Temos muito o que rir, o que brincar, o que viver.

À Themis, como uma música que embala nossas vidas. Dançaremos juntos, viveremos o nosso "sempre".

Ao Reinaldo Galamba, pela amizade de longas datas e a inesquecível companhia.

Ao George, interlocutor nobre, amigo fujão, menino bonito.

Ao Almir, delicado companheiro de algumas noites.

À Solange, orientadora e amiga, que acompanhou a construção de um trabalho onde posso sentir a nossa presença.

À Cinara, amiga recente que gosto de ter.

À Thaís, presença divertida nos últimos tempos.

Ao Eduardo, que me fez escolher.

Ao Johnny e Rejane, daqui por diante é a vida.

Aos amigos do mestrado, com carinho especial por Luciana, inspiração terna de todos nós e Augusta, com misto de carinho e admiração.

À memória de Alexandre "Negão".

À família Machado, pela hospitalidade e auxílio imprescindível na impressão do presente trabalho.

À Marise, pelo incentivo.

À CAPES, por ter financiado esta pesquisa.



## RESUMO:

O presente trabalho é uma reflexão acerca da emergência da AIDS no Ocidente, buscando-se reconhecer a posição do Brasil no contexto trazido por essa epidemia no que diz respeito à construção do conceito de *grupos de risco*. A partir da apresentação dessa construção, pretende-se problematizar os limites das intervenções de caráter epidemiológico no tocante ao problema da prevenção social dos riscos, tendo como referência a função hegemônica das racionalidades científicas em nossa sociedade.

A construção dos *grupos de risco* teve um *locus* bem definido: a homossexualidade masculina tomada como unidade no interior das sociedades ocidentais. O trabalho pretende apresentar críticas a inexatidão dessa concepção, fornecendo os subsídios para a criação de um novo lugar social para as experiências que constituem essa prática erótica e suas decorrências no pensamento e intervenção científicos. Os instrumentos teóricos utilizados para esse empreendimento foram a concepção de história articulada por Walter Benjamin, a literatura de Caio Fernando Abreu além de autores que vêm construindo as bases conceituais de crítica contemporânea a estratificação das frentes de luta das crises sociais. O trabalho é fruto da necessidade de se questionar a hierarquia entre os atores sociais envolvidos com a gestão de uma epidemia.

## RÉSUMÉ :

Ce travail est une réflexion à propos de l'émergence du SIDA à l'Occident. On cherche à reconnaître la position du Brésil dans le contexte produit par cette épidémie spécifiquement dans le thème de la construction des groupes de risque, C'est à partir de la présentation de cette construction qu'on cherche les conditions de la possibilité des Rationalités Scientifiques dans notre société, en présentant les limites des interventions de caractère épidémiologique à l'égard du problème de la prévention sociale des risques.

La construction des groupes de risque a été un *locus* bien défini : l'homosexualité masculine prise comme unité dans les sociétés occidentales. Ce travail cherche à présenter l'inexactitude de cette conception, en présentant les subsides sur la nouvelle position sociale de cette pratique érotique et les occurrences dans la pensée et dans l'intervention scientifiques. Les instruments utilisés à ce projet ont été la conception de l'histoire articulée par Walter Benjamin, la littérature de Caio Fernando Abreu et toute la critique contemporaine à la stratification des fronts de lutte contre les crises sociales. Le travail est fruit de la conception dont il ne doit pas avoir de l'hierarchie entre les acteurs sociaux engagés dans la gestion d'une épidémie.

Palavras-chave

AIDS

HOMOSSEXUALIDADE MASCULINA

RACIONALIDADE CIENTÍFICA

MODERNIDADE

HISTÓRIA

INTERPRETAÇÃO

GRUPOS DE RISCO

"Marco Polo imaginava responder( ou Khublai imaginava a sua resposta) que, quanto mais se perdia em bairros desconhecidos de cidades distantes, melhor compreendia as outras cidades que havia atravessado para chegar até lá, e reconstituía as etapas de suas viagens, e aprendia a conhecer o porto de onde havia zarpado, e os lugares familiares de sua juventude, e os arredores de casa, e uma pracinha de Veneza em que corria quando era criança.

Neste ponto, Kublai Khan o interrompia ou imaginava interrompê-lo ou Marco Polo imaginava ser interrompido com uma pergunta como:

“Você avança com a cabeça voltada para trás? \_ Ou então: \_ O que você vê está sempre às suas costas?\_ Ou melhor: a sua viagem só se dá no passado?”

Tudo isso para que Marco Polo pudesse explicar ou imaginar explicar ou ser imaginado explicando ou finalmente conseguir explicar a si mesmo que aquilo que ele procurava estava diante de si, e , mesmo que se tratasse do passado, era um passado que mudava à medida que ele prosseguia a sua viagem, porque o passado do viajante muda de acordo com o itinerário realizado, não o passado recente ao qual cada dia que passa acrescenta um dia, mas um passado mais remoto. Ao chegar a uma nova cidade, o viajante reencontra um passado que não lembrava existir: a surpresa daquilo que você deixou de ser ou deixou de possuir revela-se nos lugares estranhos, não nos conhecidos.”

(Calvino, Italo. **As Cidades Invisíveis**)

## SUMÁRIO

|  |       |
|--|-------|
| 1- Introdução.....   | p.1   |
| 2- Capítulo I: A Regulação da Vida.....  | p.8   |
| 3- Capítulo II: A Produção do Corpo com AIDS.....  | p.22  |
| 4- Capítulo III: Os Homossexuais e a AIDS: Problematizações em torno do tema da experiência erótica..... | p.46  |
| 5- Capítulo IV: Em Busca de uma Concepção de História.....   | p.58  |
| 6- Capítulo V : A Construção de Respostas Singulares em torno da AIDS.....                               | p.77  |
| 7- Conclusão.....  | p.97  |
| 8- Referências Bibliográficas.....   | p.101 |

## Introdução

Está frio na cidade. Passou um garoto correndo por mim e deixou um perfume doce nas minhas narinas. Queria retribuir-lhe, mas o vento nos tornou estranhos um ao outro. Puxo a fumaça para dentro do meu peito e expiro um jato de palavras no papel, tentando introduzir um trabalho que foi sendo construído aos poucos nesses últimos dois anos e meio.

Basicamente, esse trabalho se refere ao tema da AIDS e suas decorrências. A AIDS é apresentada como um problema contemporâneo gerenciado por intermédio de esquemas considerados modernos, pois relacionam-se ao momento histórico onde questões como vida social, sexualidade hegemônica e corpo social<sup>1</sup> ganharam estatutos de condições *sine qua non* para a existência social. Dessa forma, a discussão se refere à problematização do gerenciamento da epidemia, considerado reflexo de uma racionalidade operante desde a época da instauração do corpo social como unidade coerente e inteligível na modernidade.

Além disso, o tema desse trabalho se desenvolve com base em uma reflexão sobre a homossexualidade masculina tomada como grupo de risco primordial da epidemia a partir de uma complexa re-unificação das práticas eróticas em torno de uma subjetividade que poderia ser considerada como um dos efeitos da modernidade biológica<sup>2</sup>. Dessa forma, afirma-se que através da AIDS, há uma re-atualização de um personagem social: o homossexual oitocentista. De um lado, procura-se indícios dessa

re-atualização e de outro, procura-se possíveis respostas singulares em torno de dois problemas: primeiro, a AIDS como epidemia; e, segundo, a homossexualidade como locus de reconhecimento e planificação das experiências eróticas.

Portanto este trabalho pretende apresentar indícios do surgimento da AIDS como epidemia e da homossexualidade como ponto de encontro das práticas periféricas em torno do desejo sexual entre pessoas do mesmo sexo, especialmente os homens, os primeiros interlocutores dessa ordem social contemporânea trazida pela AIDS e seu conseqüente gerenciamento.

No capítulo I, discute-se o surgimento de uma preocupação recente com a vida nas sociedades modernas ocasionando uma sistemática política de controle sobre a existência social. Essa discussão é proposta por Michel Foucault em sua pesquisa sobre a sexualidade ocidental; no capítulo II é apresentada a idéia de construção de um locus de intervenção das racionalidades contemporâneas: o *corpo com AIDS*, instância ao mesmo tempo material e sutil da contemporaneidade, uma espécie de efeito utilizado como instrumento para um controle mais eficaz da sociedade atual. No capítulo III, inicia-se a problematização da relação entre a AIDS e a homossexualidade masculina, através da utilização do campo da literatura como contraponto às sucessivas banalizações do desejo homossexual. Essa possibilidade foi encontrada, principalmente na obra do escritor gaúcho Caio Fernando Abreu que é considerada, no presente trabalho, como reflexo da posição contemporânea da

homossexualidade na sociedade brasileira. No capítulo IV é apresentada a concepção de história de Walter Benjamin que torna possível um confronto com a história oficial da epidemia, através da constatação da descontinuidade dessa versão. Busca-se através dessa concepção um reconhecimento da função dos homossexuais no embate com a epidemia. No capítulo V, tenta-se esclarecer essa busca de uma concepção de história através da utilização de contos do autor Caio Fernando Abreu como instrumentos fecundos para um diálogo com a época atual, tanto no que diz respeito à AIDS quanto no que se refere ao desejo erótico entre os homens. Através dessa estrutura, este trabalho procura questionar o modelo monolítico de prática homossexual e traz à tona a necessidade de refletir sobre a eficácia das atuais campanhas em torno da prevenção e da utilização de diferentes saberes como fomentadores de uma visibilidade mais complexa sobre os problemas trazidos pelo gerenciamento da AIDS.

O tema da subjetividade será tratado como não pertencente a uma área específica, mas como conceito surgido entre saberes e intervenções. Ao lado desse empreendimento, busca-se reconhecer a própria ausência de "unidade subjetiva" nas experiências eróticas entre homens. Essa constatação é possível na contemporaneidade, pois as práticas procuram inscrever-se no corpo social como circunstâncias efetivamente reguladas por questões periféricas à identidade forjada na modernidade. Autores como Perlongher(1987) e Parker(1994)



auxiliam na percepção e interpretação desse momento histórico específico ligado à homossexualidade.

A concepção de uma pluralidade epistemológica no tocante aos temas utilizados correntemente no campo da Psicologia - utilizada no presente trabalho - visa à consideração de um aspecto essencialmente produtivo nas crises contemporâneas em torno da vida. Algumas das atuais crises sociais referem-se a uma banalização da existência humana percebida através de processos contínuos de segregação dos "excedentes culturais"<sup>3</sup>. Um dos elementos desse excesso desqualificado são as relações afetivas minoritárias existentes em nossa sociedade atual. A amizade, as relações de parentesco, a experiência erótica e o amor viraram produtos intrinsecamente descartáveis e uma das lutas mais importantes, hoje em dia, refere-se a uma tentativa de intensificação dessas realidades específicas.

Uma das mais explícitas formas de banalização dos excedentes culturais pode ser encontrada na idéia corrente de construção de identidades definitivas sobre práticas inicialmente circunscritas ao fluxo do tempo histórico. Daí, percebe-se que identidades como "o negro", "o brasileiro", "a mulher", "a criança" e "o homossexual" dentre outras, mantêm uma relação de recíproca causalidade com a história oficial do nosso tempo. A crítica à identidade enquanto instância máxima do corpo social pode ser feita baseando-se numa concepção construtiva de história, isto é, considerada como produto da crise e não do consentimento.

A história e a psicologia se encontram aqui para um exercício de problematização da subjetividade operante relacionada às práticas eróticas entre homens. Dessa forma, a história não servirá para encontrarmos a origem essencial das atuais experiências erótico-afetivas, nem tampouco para presumirmos a continuidade de um passado acabado num presente puramente ressentido. A história marcou um encontro com a psicologia, não para criar um efeito de erudição, mas para ferir a cultura da banalização da vida cotidiana. No decorrer do presente trabalho, espera-se apresentar os instrumentos teóricos utilizados para a realização do exercício proposto em relação à homossexualidade masculina contemporânea, isto é, para a crítica dos modelos hegemônicos de homossexualidade e de política preventiva sobre epidemias, pois ambos podem ser considerados como causas do pensamento técnico-científico em torno da AIDS.

## NOTAS:

(1) O conceito de corpo social aqui utilizado é proposto por autores como Sontag(1989) e Foucault(1993). Susan Sontag analisa a construção da AIDS como doença epidêmica a partir da idéia de que a sociedade como um todo - como uma realidade homogênea - sofre as consequências de uma doença eminentemente coletiva. A autora conclui, com isso, que as intervenções científicas partem do modelo de organicidade da sociedade, construindo um paralelo entre o corpo individual e o corpo coletivo, ou seja, a sociedade. Assim percebida, a sociedade é analisada como um corpo que tem atributos similares ao corpo individual. Já a partir da discussão de Foucault em obras como História da Sexualidade(1993) e Microfísica do Poder(1979), percebemos que a unidade "corpo social" é produto de uma construção política que procura tornar todas as relações entre os homens, uma "causação" da esfera pública. Assim, o autor discute a formação do corpo social a partir de aspectos essencialmente históricos. Logo, corpo social significa, para o presente trabalho, a unificação da sociedade num modelo que se pretende fechado e inteligível. A mais significativa decorrência dessa característica é o fato de que a sociedade é racionalizada como um campo equilibrado, na medida em que ganha uma coerência interna. Esse modelo homeostático é continuamente superado pelas análises sociais mais voltadas à reflexão dos conflitos, posição articulada, inclusive, pelos autores citados.

(2) Conceito proposto por Michel Foucault (1993) e que significa, em linhas gerais, o momento histórico de construção de teorias sobre a vida e especificamente sobre a vida humana. A homossexualidade masculina é efeito dessa modernidade na medida em que precisou ser incorporada ao grande esquema social de modelização das práticas cotidianas pela pregnância da vida. Nos dois primeiros capítulos, a discussão se refere ao tema da vida em sociedade e a partir dos subsídios dos mesmos, faz-se uma relação com a emergência do homossexual oitocentista, ou seja, do homossexual da modernidade onde prática sexual e identidade mantêm uma relação de sinonímia.

(3) O processo de construção da cultura e de sua conseqüente transmissão encontra no campo da identidade um nível de realização de sua tarefa homogeneizante. A cultura, então, se baseia na identidade. Um exemplo disso é o conceito de cultura popular que pode ser considerado como referente de um povo de uma sociedade. Dessa forma, o popular é visto como reflexo de uma condição social. Ora, se a cultura tem uma importância na constituição de identidades, o seu processo de transmissão acaba compondo uma hierarquia entre atores sociais. Se pensarmos que o excedente é aquilo que não encontra realização na cultura, por ausência de correspondência ou mesmo barbárie, a tradição cultural acaba sendo um intenso paradoxo, pois relega o excesso ao papel de desnecessário e improdutivo, quando sua aparente função de homogeneização é a mola propulsora de sua importância social.

## CAPÍTULO I - A REGULAÇÃO DA VIDA

A epidemia da AIDS trouxe problemas específicos para a nossa sociedade, que se encontra organizada como um corpo social imbuído em regimes para o seu controle e equilíbrio. Esses problemas específicos emergem a partir do momento em que uma certa racionalidade articula esse corpo social com a ordem da saúde pública e legitima um esquema de reflexão e práticas cotidianas no interior da vida social. Esses dois elementos são constituintes do conceito de corpo social; de um lado uma saúde pública referida à saúde de um organismo social e de outro a idéia de uma vida social que é uma construção essencialmente "coletiva", no sentido de ser uma posição paralela ao conceito de população. A vida social é a vida da população.

Quando digo que a racionalidade propicia uma certa visibilidade da sociedade, penso que há uma tendência para se perceber uma relação inequívoca da vida social com o pensamento científico. No entanto, Essa relação é fruto do poder que se estabeleceu na efetividade da ciência em nossa sociedade. Para falar desse poder, pretendo discutir a magnitude da vida nos sistemas sociais a partir do século XVIII na Europa e , posteriormente em nosso país.

## A VIDA COMO PROBLEMA POLÍTICO

Que tipo de transição ocorreu no século XVIII a ponto de localizarmos nele uma espécie de redistribuição do lugar do homem e de seus atributos? Época de instauração da modernidade, o século XVIII é o momento da emergência de racionalidades que buscam na constituição de inteligibilidades um fundamento para os sistemas sociais de poder.

É no século XVIII que Michel Foucault (1993) localiza uma "modernidade biológica", momento de transição do poder do soberano sobre a morte para a execução de um poder polimorfo e descentrado sobre a vida. Essa transição não se faz por uma espécie de axiomática hierarquizante, mas por uma articulação de valor político à vida, que parece, a partir desse instante, ter atributos intrínsecos à sua natureza.

Falar de natureza nesse sentido é tentar entender a valorização da vida por uma magnitude política. No século XVIII há uma modelação da vida como fator político, e antes de vislumbrarmos uma utopia nesse movimento, é interessante observarmos a pregnância que termos como "população", "gerenciamento" e "otimização" assumem para os sistemas sociais. A sociedade passa a ser gerida por racionalidades centradas na importância da vida da população. Mortalidade, natalidade, alimentação e sexualidade passam a ter importância fundamental na sociedade moderna ocidental. Então, a metáfora

de um corpo social vira sinônimo de uma sociedade movida pela constante industrialização e otimização de suas forças.

Há, nesse ínterim, uma transformação do homem que passa a ter como "atributo" uma constante necessidade de superação dos seus limites, de instauração da urgência da vida. Segundo Foucault (1993), "essa transformação [do homem] teve conseqüências consideráveis. Não é necessário insistir aqui sobre a ruptura que se produziu, então, no regime do discurso científico e sobre a maneira pela qual a dupla problemática da vida e do homem veio atravessar e redistribuir a ordem da epistemê clássica. A razão pela qual a questão do homem foi colocada em sua especificidade de ser vivo e em relação aos outros seres vivos, deve ser buscada no novo modo de relação entre a história e a vida: nesta posição dupla da vida, que a situa fora da história como suas imediações biológicas e, ao mesmo tempo, dentro da historicidade humana, infiltrada por suas técnicas de saber e de poder." (pp. 134-135)

Mais adiante o autor cita a proliferação de técnicas sobre o "(...) corpo, saúde, a alimentação e as condições de vida". A bio-história, citada anteriormente, é um esquema de racionalização sobre a questão surgida: como reconhecer o pertencimento do homem à ordem biológica ao mesmo tempo em que se dota a vida de forças políticas? Humanizando-a segundo a ordem da modernidade. Nesse momento histórico, a epidemiologia surge como aliada inevitável da medicina que fixa seus sustentáculos na necessidade de intervenção sobre o corpo

social. Ao lado de uma transição, acontece uma superação da lei - que tinha no "gládio" seu limite necessário - em prol de uma constante normatividade da sociedade. Regulada pelas normas, a sociedade encontra seus mecanismos de homeostase: qualificação, medição, avaliação e hierarquização. Antes de serem condições externas para a regulação da vida da população, esses mecanismos contêm os subsídios para o entendimento da importância da vida do corpo social.

Falar em "homeostase" do corpo social não significa supor uma linearidade desde a modernidade até os nossos dias. O equilíbrio emerge a partir de inúmeros esquemas de hierarquização no interior da sociedade, que buscam uma maior visibilidade das questões sobre a vida em todos os locais de existência, denotando uma "capilarização" do que se chama de poder. Essa característica do poder na sociedade moderna nos leva a entender, inclusive, as respostas e resistências em relação aos ditames da ordem social. Foucault nos fala que o tema da vida tornou-se, por exemplo, um elemento de discussão nos movimentos de luta social a partir do século XVIII.

Temos um cenário de legitimação do poder do discurso e prática científicas - epidemiologia, medicina social, saúde pública - em detrimento de um chamado conhecimento comum, cotidiano. Katia Muricy (1988) apresenta, tendo como instrumento de interpretação a obra de Machado de Assis, os conflitos emergentes na modernização da sociedade brasileira; conflitos esses que nascem a partir de uma sistemática



desvalorização do saber cotidiano em detrimento de uma valorização crescente da radical científicização da sociedade. Essa análise de Muricy nos serve de fundamento para o entendimento da função da ciência em uma sociedade baseada no gerenciamento da vida. Se temos como consequência a "normalização" em uma sociedade preocupada com a vida, torna-se necessária a regulação dessa realidade por discursos e agentes competentes e legitimados pelo exercício da ciência.

A vida tendo se tornado, obviamente, um elemento indissociável da "modernidade biológica" requer uma atenção específica. Ao lado de uma valorização da vida, vemos uma profunda necessidade de controle sobre os processos das evidentes relações entre a vida cotidiana e a vida do corpo social como um todo. A sexualidade vem desempenhar, aí, uma função não de mediação, mas de apresentação da vida cotidiana à saúde do corpo social.

*"(...) A histerização das mulheres, que levou a uma medicalização minuciosa de seus corpos, de seu sexo, fez-se em nome da responsabilidade que elas teriam no que diz respeito à saúde de seus filhos, à solidez da instituição familiar e à salvação da sociedade. Foi a relação inversa que ocorreu quanto ao controle da natalidade e a psiquiatrização das perversões: neste caso, a intervenção era de natureza reguladora, mas devia apoiar-se na exigência de disciplinas e adestramentos individuais"* (Foucault, 1993 pp. 137-138)

Observamos nos temas de um "controle da natalidade" e de uma "psiquiatrização das perversões" uma execução de poder

intimamente relacionado a manutenção da vida. Além disso, uma intensa importância da sexualidade no equilíbrio da sociedade. A fixação das perversões numa suposta taxonomia nos leva a admitir a existência de um projeto polimorfo de objetivação do indivíduo na sociedade moderna. Essa objetivação, via sexualidade, ocorre com a emergência de um discurso psicológico sobre as práticas sexuais: o indivíduo tem uma história que é condicionante de sua relação com os outros e de sua sexualidade. Esse centramento do desejo numa historicização do indivíduo é, paradoxalmente, uma abertura para uma rede de inteligibilidades do sujeito no corpo social.

Existe uma relação indiscutível entre a sexualidade e a vida: foco de provável reprodução da espécie humana, a sexualidade é a esfera mais espessa para o exercício de práticas disciplinares. Nesse sentido, abre-se um campo de visibilidades que procura esclarecimento da função da sexualidade. Esse campo não negará a existência e o projeto do prazer obtido com as práticas sexuais, mas se baseará numa otimização desse prazer, numa redistribuição das qualidades e dos atributos dessa experiência. A esse exercício, pode-se dar um nome transitório: "racionalidades específicas" (Foucault, 1993). Onde entrará a objetivação do indivíduo nesse campo de visibilidades?

A população é o correlato de uma sociedade baseada na manutenção da vida. Esse termo é constituinte do século XVIII, dessa transição já citada do gládio para a normatividade como

ideal. Acontece que a população é um termo genérico, total. Um outro conceito emergente é constituinte do campo de preocupação com a vida: o indivíduo. Aqui podemos encontrar um esquema de objetivação que não anula uma rede de singularidades, mas fixa um espaço para o exercício de características pessoais. Para explicar essa ambigüidade constituinte do indivíduo, Foucault (1977) utiliza um tema recorrente para os pensadores franceses: o olhar.

*"O fato de a definição do indivíduo consistir em um labor infinito não seria mais um obstáculo para uma experiência que, aceitando seus próprios limites, prolongava ilimitadamente sua tarefa. A qualidade singular, a cor impalpável, a forma única e transitória, adquirindo o estatuto de objeto, adquiriram peso e solidez. Nenhuma luz poderá dissolvê-las nas verdades ideais; mas a aplicação do olhar sucessivamente as despertará e lhes dará objetividade. O olhar não é mais redutor, mas fundador do indivíduo em sua qualidade irreduzível" (pp. XII-XIII).*

À esse olhar multiplicador, podemos remeter uma função essencialmente moderna de objetivação; reconhecer a diferença de algo é marcar seu lugar e ponto de transição à identidade. Reconhecer um rosto é um projeto moderno; projeto encontrado na fixação do homossexual no lugar de um sujeito psicológico da sexualidade. Interessante notar como essa fixação serviu de material para a própria construção de polifonias dentro do movimento homossexual, ou seja, a fixação do desejo no campo da identidade serviu de inspiração a diferentes lutas e contextos sociais. É importante não reduzir

o olhar - científico, no caso - a uma função aniquiladora. O olhar, tal como o poder, tem um papel intrinsecamente produtivo e positivo. Trazendo à tona casualidades diversas, acaba realizando uma gramática dos afetos, dos desejos e circunstâncias. E essa fixação, antes de ser uma perdição, marca o ponto de emergência de uma individualização.

A emergência de individualização é o ponto onde se fixam as relações de causalidade de um fato histórico. Por exemplo, a vida surge como um problema político a partir do momento em que as instituições com a finalidade de controle sobre processos vitais foram produzidas, racionalidades sobre acontecimentos biológicos foram desenvolvidas e problemas de ordem demográfica foram levantados. Num feixe de relações entre estes acontecimentos, um nexos se articula na sociedade moderna. Com a instauração desse nexos, um processo de individualização dissipa-se no corpo social. Podemos observar isso com a constituição de personagens históricos tais como o "doente mental" da psiquiatria, o "cidadão" do Estado moderno. Esses exemplos, embora pertencentes a domínios diferenciados, são quadros de uma fisionomia política da modernidade, momento histórico de produção de instrumentos para o gerenciamento da vida em sociedade.

Esse registro de individualização é efeito-instrumento do processo político de valorização da vida. É efeito pelos resultados dos regimes modernos de controle e manutenção dos processos ligados à vida: por exemplo o sujeito

da sexualidade é efeito de um poder centralizado na racionalização da experiência erótica. A partir desse registro de fixação, uma série de especialismos desenvolve-se com intuito de administração da realidade emergente. Por exemplo, os regimes de comportamento nas escolas e exércitos buscam uma administração do "corpo" enquanto entidade a-histórica, como fato natural. No entanto, o "corpo" dos soldados e das crianças foi território de individualização entre os séculos XVIII e XIX e só a partir disso foi possível uma instrumentalização dessa força, um utilitarismo dessa materialidade.

De posse provisória desses conceitos citados - quais sejam: um olhar multiplicador e uma racionalidade centrada na vida - podemos começar a entender a força que uma epidemia exerce numa sociedade "normalizadora". Antes da modernidade biológica, problemas ligados às epidemias e à fome já eram pertinentes. No entanto, a modernidade, como vimos, é o momento do limiar para um poder sobre a vida. Nesse movimento, a epidemia vem desempenhar uma função que sintetiza alguns dos problemas apresentados anteriormente.

a) Uma sociedade normalizadora baseia-se na individualização como fonte (material) de controle e portanto, durante uma epidemia, a sociedade deve continuar a utilizar esse "constructo". Tendo por base a individualização, os agentes da sociedade moderna procuram na individualidade indícios para o entendimento das epidemias, embora o termo "população" seja instrumento analítico para as ciências. É importante observar

que "população" e indivíduo fazem parte de uma mesma lógica. Isso ocorre por que constituem as bases de instauração e funcionamento das racionalidades desenvolvidas em torno das urgências biológicas da espécie humana. De um lado, a população designa uma proliferação de regimes; e de outro, o indivíduo serve como foco material para o exercício de um poder disciplinar. Segundo Kátia Muricy (1988), "(...) o discurso médico-higienista propõe-se, de modo claro [na sociedade brasileira do século XIX], como regulador racional da vida social. Detectando o mal, irá demonstrar como, necessariamente, a saúde da sociedade está relacionada com a saúde de cada indivíduo, de cada família, através da moralidade." (p. 67). Nesse exemplo percebemos como a moralidade foi utilizada como elemento constituinte do discurso médico brasileiro na modernização de nossa sociedade através da discussão do papel da família (e especificamente dos pais) na formação do caráter e da saúde mental de seus filhos. Podemos utilizar essa discussão para entendermos a dupla função do poder médico: gerir a vida do indivíduo em prol do bem-estar dos filhos para um melhor funcionamento da sociedade. No caso das epidemias, podemos pensar na centralização de preocupações com indivíduos propensos ao desenvolvimento de uma doença, acarretando uma dicotomia no seio da sociedade (indivíduos propensos à doença versus indivíduos saudáveis) que antes de impedir uma reflexão mais apurada sobre a saúde pública, instaura uma forma de pensamento sobre a sociedade.

b) Numa sociedade baseada no poder técnico-científico, há a possibilidade de explicitação da função da ciência. E, nesse instante, pode-se observar o desenvolvimento de uma "ideologia científica" (Canguilhem, Georges. 1977), ou seja, um esquema de racionalidade que tem como finalidade reconhecer uma verdade, o melhor caminho para a resolução de uma problemática. E esse "melhor caminho" é uma opção ética fundada em condições históricas de aparecimento. Podemos falar numa ideologia de valorização da vida? Existe aí um interesse implícito de controle sobre a população, de manutenção de valores específicos (de "classe")?

Discutimos até aqui o aparecimento de uma nova ordem social. Isso pode significar o reconhecimento da construção de uma visão de sociedade que, diga-se de passagem, é o *modus operandi* da sociedade moderna. O tema da vida fundamenta uma série de intervenções em nossa atual sociedade, desde o nosso nascimento (via medicina) até nossa morte (pensemos sobre a discussão sobre o limite do poder da medicina: até onde intervir o médico? Até quando manter vivo um ser humano em fase terminal?). O tema da vida, hoje, transborda inclusive os discursos científicos. Nesse sentido, podemos adotar o conceito de uma ideologia científica sobre a vida, com a ressalva de que servirá para analisarmos a constituição dos saberes sobre a vida, ou seja, que não poderemos entender toda a problemática da vida a partir do conceito de ideologia. Opta-se, aqui, para o tema de uma objetivação constante dos indivíduos tendo como

contrapartida uma constituição de resistências. Utilizando o termo "ideologia" poderíamos supor que há o mascaramento de uma verdade irreduzível existente na vida dos sujeitos sociais. No entanto, faz-se uma opção por entender "ideologia científica" como exercício - implícito ou explícito - de constituição de problemas e instrumentos para reflexão sobre os mesmos (Canguilhem, Georges, idem). O discurso nasce num movimento de urgência externa (ex. a vida da população é importante trânsito político para o poder do Estado), mas também de coerência interna (ex. que instrumentos a medicina social utiliza para a intervenção sobre uma epidemia? Como provar sua eficácia?). Essa via de mão dupla pode não ser tão nítida na existência da ciência em nossa sociedade, mas pode nos servir para a atual interpretação do poder da ciência.

Uma epidemia não é instrumento para o aparecimento de dogmas científicos nem mesmo de preconceitos. Através da reflexão sobre a racionalização de uma epidemia, podemos produzir o desvelamento de moralidades e funções éticas nos discursos, intervenções e demais agentes sociais.

Esse processo de desvelamento é possível graças não a uma a-cientificidade da epidemiologia, mas sim às condições de possibilidade de um esquema de intervenção sobre o corpo social. Em nossa sociedade percebemos uma certa modernização que vai de encontro aos modelos oferecidos pela Europa. E ir de encontro tem, aqui, dois sentidos: significa tanto uma importação de modelo, quanto um confronto com o modelo



hegemônico. Observamos a importação nos "constructos" teóricos das intervenções sociais brasileiras incipientes e o confronto nos constantes processos de ruptura com a nova ordem social da "modernidade brasileira". Movimentos sociais que resistem à saúde pública além de críticos mordazes da nova moda. Podemos utilizar, nesse momento, um personagem da literatura modernista brasileira saído do livro de Lima Barreto: Policarpo Quaresma.

Policarpo Quaresma pode ser pensado como um interlocutor da ordem social moderna, pois resiste a uma europeização dos costumes de sua sociedade. De forma prosaica e um tanto nacionalista, Policarpo Quaresma assinala um ponto de diálogo com a massificação dos costumes. Mesmo sucumbindo — Policarpo é internado num hospício — esse personagem serve-nos de inspiração para introduzirmos uma dimensão dialógica no tema da modernidade. Essa tensão produz uma certa brasilidade no tocante a questões de nosso país. Essa caracterização é fruto de um terreno social específico onde a saúde pública vai encontrar outros tipos de necessidades e condições históricas para seus instrumentos.

Opta-se pelo caminho de dupla caracterização: ocupar-se de apresentar subsídios históricos da modernidade europeia ao mesmo tempo em que se elabora uma reflexão sobre a especificidade da sociedade brasileira. Essa característica além de ser uma opção ética é uma opção metodológica. Tendo falado sobre a "urgência" da vida na modernidade, pode-se

passar a uma questão que mantém uma relação complexa com essa urgência: o corpo.

## CAPITULO II - A PRODUÇÃO DO CORPO COM AIDS

Um instrumento analítico importante sobre a emergência da AIDS - e o decorrer de sua consolidação como epidemia - é o conceito de *corpo com AIDS*. Esse conceito é uma caracterização da unidade material do corpo social - o corpo - que, por sua vez, se encontra num campo de valências extremamente complexo.

Pode-se refletir sobre a magnitude do corpo humano na sociedade moderna a partir da constatação de que a vida humana encontra seu espaço de realização no corpo. Essa evidência se torna possível numa historicidade que conduz o "corpo" a ser uma matéria fundamental - além de passível de uma série de representações, daí reunir duas dimensões complementares: por ser material a unidade analítica da sociedade moderna é espessa, sendo possível, portanto, dotar de sentidos uma relação com o corpo.

Temos uma tradição de refletir sobre o corpo como um certo produto de relações de força. Assim, percebemos que a sociedade capitalista tem como primazia uma transformação da natureza humana em algo utilizável e assimilável. Essa tradição pode ser, grosseiramente considerando, chamada de marxista, pois privilegia uma análise da caracterização material do homem em sociedade: para fazer parte de um sistema de produção, o homem transforma-se a si mesmo "subjetivamente" e materialmente. Aqui, podemos considerar que a natureza humana é

o corpo e que essa transformação é fruto das relações de produção, não denotando uma atividade consciente dos homens envolvidos na produção capitalista.

A partir dessa utilização, percebemos que o corpo humano é um instrumental de natureza altamente produtiva. A história humana pode ser inicialmente pensada como a história da transformação da natureza humana. Esse processo nos conduz a posição de considerar o corpo como produto histórico-cultural baseado no sistema de produção vigente (Benjamin,1993).

Essa primeira caracterização encontra seu ponto de apoio numa concepção de história que apresenta a sociedade regulada por um imperativo da economia. De posse dessa incipiente característica, podemos pensar que o "trabalho" é o veículo de transformação do homem por outros homens e pelo campo de relações estabelecido num sistema de produção. A partir disso, temos um modelo de corpo-produto; primeiro, produto das relações vigentes e, segundo, produto do mercado enquanto é força negociável. Esse corpo-produto é instrumento para observarmos que um sistema de produção necessita de uma certa maleabilidade da materialidade humana. Com essa afirmação, encontramos um corpo - suscetível considerado sempre como transitoriedade, pois segundo um avanço tecnológico da sociedade, o corpo vai tomando formas e cumprindo funções correlatas. Ao corpo-burguês um exercício de contemplação. Ao corpo-proletariado um exercício de transformação. Pensar em "natureza" nesse instante é apenas supor que se trata de algo

dobrável e passível de entrar em relações futuras. Nesse sentido, o corpo é efeito de uma historicidade humana (Veyne, 1982).

O homem não entra em relações sociais apenas por intermédio do trabalho. O homem está inserido em inumeráveis relações sociais de sentido. Isso propicia que o sujeito humano seja tomado como personagem de um campo de imanência. O sujeito humano utiliza seu corpo numa linha de produção, numa plantação de legumes, no mar revolto e também num passo de balé, num toque no ombro de outro e nos movimentos sociais. Lembremos dos momentos em que o corpo serviu de escudo para uma passeata ou então de camada exterior de ruas e calçadas em Maio de 1968 em Paris. O corpo faz parte das revoluções.

Num sistema de produção temos um corpo-matéria. E é interessante notar como a partir da modernidade entre os séculos XVII e XVIII, o homem começou a fazer parte de uma biologia. Essa posição faz da vida humana um problema de ordem natural e histórica. Essa distinção não visa a uma dicotomia entre natureza e história, mas a uma confrontação com a nova problemática da modernidade: existem imediações biológicas infiltradas por sistemas de poder-saber (ver capítulo anterior). Inserido nesse encontro entre dois regimes, o sujeito humano realiza suas virtualidades tendo como ponto de sustentação seu corpo natureza como corpo histórico.

Através desse corpo-natureza histórico, podemos supor que a história tem o primado sobre as formas de representação

do corpo. Com isso, temos uma linearidade da matéria com substituições de essências. No extremo oposto, acha-se um corpo natureza com seus atributos perfeitamente sedimentados no momento de sua emergência. Como se o corpo fosse uma unidade insubstituível, impermeável aos ditames de ordens sociais. Esses dois extremos são pontos formulados a partir de uma certa auto-suficiência do sentido; de um lado o sentido histórico correlato a diferentes espíritos de época e de outro o sentido da "criação" correlato a uma matéria acabada e fechada sobre si mesma.

Pode-se optar por um caminho que não se confunda com essas duas perspectivas aparentemente contraditórias mas complementares. A opção de se refletir sobre o corpo de forma a não negligenciar sua historicidade e dotar de valor os regimes éticos instaurados, por exemplo, desde a modernidade como "construtores" de corpos e de relações entre os mesmos. Isso significa compreender por historicidade um movimento que se dá num nível de superficialidade que no, entanto, não funciona como dicotomia a uma profundidade mais essencial. Não existe um "conteúdo" apriorístico nas relações sociais com o corpo; não é de interesse do presente trabalho denunciar um espírito histórico que se realiza nos poros da sociedade moderna. O caminho encontrado para pensar o corpo é confrontar-se com uma historicidade que se dá nos interstícios<sup>1</sup> das práticas sociais.

Esse espaço entre relações de agenciamento nos lança a uma questão fundamental sobre a historicidade do corpo; se

existe um primado sobre alguma coisa essa *demarche* acontece entre lacunas constituídas com a história, segundo um jogo de interesses, regras e desejos. O corpo sexualizado das crianças da época de Freud foi uma trama cuidadosamente articulada por uma série de agentes sociais. Nascia, aí, a função de uma responsabilidade social para com quem detinha uma sexualidade ainda não acabada. Com isso pode-se pensar os fenômenos históricos como produto de relações sociais e culturais. No exemplo anterior, podemos dizer que a criança necessita de regulação a partir do momento em que essa regulação justificasse por um atributo de natureza. Mas se atentarmos para um "nível de historicidade" que desconfia de evidências, podemos supor que o atributo de natureza pode ser um esquema de correlação com a ordem social moderna, ao invés de ser o seu ponto de origem. Poderíamos, inclusive, dizer que a origem não se encontra no início, mas realiza-se no objetivo de uma relação. A origem-evidência é substituída por uma origem teleológica.

Essa aceção de uma origem-objetivo visa a uma posição crítica em relação a um certo historicismo do corpo, ou seja, supor que o corpo humano é passível de representações históricas diversas, pois não possui uma estrutura suficientemente acabada, ou melhor, não possui uma estrutura. A origem-objetivo é produto de uma constatação de que as relações instituídas em torno do corpo se dão primeiro pela

"materialidade" do corpo humano. As tecnologias em torno do corpo são realizações de possibilidades do próprio corpo<sup>2</sup>.

Nesse sentido, embora parecendo possuir uma instabilidade fundamental, o corpo humano se encontra no limiar entre uma materialidade e uma suscetibilidade. Retorna-se a essa discussão, pois pode-se tomar uma postura crítica em relação aos regimes éticos sobre os sujeitos modernos; em detrimento da origem de uma nulidade passível de preenchimentos imaginários - o corpo instável - pensa-se numa caracterização de corpo contígua às emergências históricas - daí uma origem - telos. Dessa forma, na contemporaneidade temos uma questão de cunho ético: que condições existem para que o corpo dos homens homossexuais faça parte de um regime ético hegemônico em torno da AIDS?

Através dessa questão podemos descentralizar a simples constatação de que o corpo é feito de novos regimes morais. Pode-se optar por uma intensificação dessa constatação: qual o estatuto do corpo na contemporaneidade? Que resistências foram articuladas em relação ao modelo hegemônico do corpo no caso da AIDS? Todos esses acontecimentos precisam ser pensados dentro de uma historicização efetiva da questão-AIDS, seguindo seus percursos e tentando medir sua importância e sua função específica.

A partir desse processo efetivo de caracterização do corpo e de sua função, torna-se possível abandonar uma concepção impermeável à história. Daí, questionar a posição da



"origem", pois a cada momento histórico é possível reconhecer relações de causalidade diferenciadas. A relação com os corpos não é uma quimera nem tampouco apenas um efeito das relações sociais mais fundamentais (trabalho, saúde social, comunidade e outros).

Perseguir uma caracterização histórica do corpo humano é, também, uma proposta diferenciada da "história das mentalidades". A historicidade dos corpos é fruto de relações de força entre agentes sociais. Além disso, é um espaço de construções coletivas e afetivas. Pensou-se anteriormente na função do corpo participando de "revoluções". Pode-se lembrar disso em fatos recentes, quando estudantes pintaram o rosto em protesto a um governo corrupto e pediam afastamento do presidente Collor. Essa "alegoria" de uma espécie de guerrilha não é apenas salutar ou um detalhe. Trata-se de uma utilização e construção de um espaço de sentido político para o corpo.

Na sociedade contemporânea, observa-se uma intensa massificação do corpo em detrimento de uma vida social minoritária, aquela que se dá no cotidiano, sendo substância de uma contra-memória<sup>3</sup>. No caso de uma epidemia, percebemos profundas limitações numa campanha de massificação. De um lado, o corpo é investido de uma política do terror: no caso da AIDS, sexo anal sem preservativo é um dos ícones desse autoritarismo; de outro lado, os sujeitos do cotidiano constroem espaços diferenciados de relação afetivo-sexual. Talvez um dos problemas enfrentados por agentes de saúde pública e

instituições paralelas tenha sido uma ausência de correspondência entre o corpo da epidemiologia (o território dos riscos) e o corpo vivido no cotidiano (o território dos desejos). Pode-se ficar com essa caracterização incipiente, a de uma ciência (ou instituição) que não efetiva regimes de conduta de forma hegemônica.

No caso específico do tema presente, as ciências da vida costumam articular seus espaços de intervenção a partir de um continuum histórico. De acordo com Eric Hobsbawn (1982), *"o progresso da ciência não é um simples avanço linear, cada estágio determinando a solução de problemas anteriormente implícitos ou explícitos nele e, por sua vez, colocando novos problemas. Este avanço também prossegue pela descoberta de novos problemas, de novas maneiras de enfocar os antigos, de novas maneiras de enfrentar ou solucionar velhos problemas, de campos de investigação inteiramente novos, de novos instrumentos práticos e teóricos de investigação. Em todo ele há um grande espaço para o estímulo ou a formação do pensamento através de pensamentos externos"*(p. 302). Através dessa citação, podemos refletir sobre a função do corpo numa constante tecnologização da vida. Ao mesmo tempo em que há um continuum aparente – supor o avanço tecnológico como progresso – acontecem rupturas no interior do processo de desenvolvimento das ciências.

O corpo numa modernidade da vida é o selo de uma nova forma de etnocentrismo. Na história do Ocidente, podemos pensar

numa concepção de corpo constituída como denominador comum da civilização: o corpo europeu. O processo de colonização das Américas pode ser também pensado como construção de uma hierarquia. O corpo do colonizador é o corpo da civilização e da história. O corpo dos novos povos é selvagem e destituído de história; aliás, contraditório à história. Talvez possamos pensar que as colonizações foram, também, acontecimentos constituintes de uma dicotomia entre natureza e história.

Após séculos dos descobrimentos, os conquistadores vivem a Europa como uma missão radicalmente moderna, antropofágica:

*"(...) Europa do século XIX: pátria das misturas e das bastardias, época do homem-mistura. Com relações aos momentos de alta civilização ei-nos como bárbaros: temos diante dos olhos cidades em ruínas e monumentos enigmáticos; detemo-nos diante das muralhas abertas; perguntamo-nos que deuses puderam habitar aqueles templos vazios. As grandes épocas não tinham tais curiosidades nem tão grandes respetos; eles não reconheciam predecessores (...) Mas há mais: o europeu não sabe quem ele é; ele ignora que raças se misturaram nele; ele procura que papel poderia ter; ele não tem individualidade (...); então (...) o século XIX é espontaneamente historiador (...)"*  
(Foucault, 1979).

Nesse ínterim, a função moderna da história-ciência é construir uma individualidade, instituir um etnocentrismo. Assim os "novos" problemas da modernidade se encontram no corpo, através de uma majoração de forças e numa exportação de modelos de avanços tecno-científicos. E, assim, num efeito

inteiramente inverso ao da citação anterior, os cientistas brasileiros devem ter se perguntado: Quem somos nós que nem sequer temos monumentos enigmáticos? Que história é a nossa a não ser a que chega com ventos, livros e viagens pela Europa? Que tipo de bárbaros somos nós se os monumentos a serem destruídos e povoados de nossa mais singela consciência histórica ainda não foram sequer erguidos? Talvez nossa modernidade tenha erguido um monumento bárbaro através das intervenções dos cientistas da época, perplexos com a vida desregrada dos brasileiros e os modelos míopes importados como símbolo da civilização.

Embora reconhecendo este processo civilizatório, a história se deu de forma inusitada. A vida dos brasileiros não era - nem é - a mesma dos europeus. Nem o corpo tampouco. Nesse intenso paradoxo pergunta-se: De que modernidade está se falando? A modernidade brasileira é, também, um processo de confronto com um cenário inusitado. As urgências da vida em sociedade eram tratadas com os modelos disponíveis - europeus - causando uma contínua preocupação tanto entre cientistas, pensadores e literatos como entre o povo. Essa preocupação parece nos forçar a encarar a formação de um corpo social brasileiro como fruto de uma contradição fundamental suscitada pela precariedade dos instrumentos científicos e sociais voltados às problemáticas brasileiras. Nesse momento, é importante frisar uma similitude com o caso da atualidade em

torno das epidemias. Retornar-se-á a esse problema no decorrer deste trabalho.

É interessante insistir no conceito de formação de corpo-social. Esse conceito homogeneizante tem sua correspondência numa unidade que podemos agora chamar de corpo do cidadão. Apontou-se que a formação do corpo social tem seu fluxo na história, acarretando uma caracterização da história como um tempo de "densificação" do corpo. Mas ao mesmo tempo em que isso é possível, pode-se pensar que nem mesmo o corpo deve ser atualizado como representante de uma época ou da humanidade, pois o processo de sua "formação" é o campo de diálogos entre agentes sociais emergentes e sujeitos da vida cotidiana - que pode ser caracterizada como a substância da história humana<sup>4</sup> -, articuladores de realidades sociais específicas.

A opção articulada no presente trabalho é refletir sobre a formação de instituições em torno do corpo como um campo de diálogos nem sempre pacíficos. Atualmente, por exemplo, acompanhamos pela televisão a retirada de prostitutas de uma certa zona da cidade do Rio de Janeiro e uma reorganização de uma espécie de "área de prostituição". Essa atitude corrente visa a uma nova hierarquia na cidade, ao mesmo tempo em que a epidemiologia em torno da AIDS organiza os territórios onde o prazer é negociado de forma a possibilitar uma maior higienização do corpo social. Esse exemplo nos serve como ponto de encontro entre duas perspectivas: uma de

organização administrativa dos fluxos sociais e outra de organização do corpo.

Pode-se pensar numa epidemia como radicalização de uma relação com o corpo. Assim funciona em torno da AIDS, acontecimento histórico que além de ter provocado um refluxo numa aparente revolução sexual, re-apresentou a homossexualidade masculina ao domínio público. Através de uma abertura aparentemente nunca prevista o corpo dos homossexuais foi investigado, esmiuçado e codificado numa hierarquia contemporânea dos prazeres e do desejo. Essa operação é possível através de uma emergência do constructo corpo com AIDS que significa tanto que o corpo social está "sofrendo o ataque" de um vírus, quanto que a unidade analítica de nossa sociedade está sendo dotada de um novo estatuto. Sem fazer um julgamento moral precedente, podemos acompanhar a historicidade do corpo dos homossexuais como condição de possibilidade para a emergência de um corpo com AIDS, referente de uma sociedade que batalha com uma epidemia além de ser imanente à idéia do homossexual moderno, personagem constantemente renascido de uma espécie de "limbo histórico".

A emergência de uma homossexualidade substantiva, produto de uma relação entre subsídios psicológicos e físicos encontrou seu ponto de convergência com a necessidade de uma visibilidade das práticas sexuais. Podemos apontar, a partir da contribuição de Foucault, que a sexualidade ocupa um espaço

inequívoco de "abertura" de campos de possibilidade para a subjetividade moderna.

O século XVIII é o momento histórico de emergência do homossexual. Ele traz em seu corpo uma marca que não o torna apenas reincidente, mas também sujeito de seu desejo. Pollak (1985) diz que *"a medicina, desde o final do século XVIII, tomou emprestada a concepção clerical da homossexualidade. Esta se tornou uma doença, ou melhor, uma enfermidade que um exame clínico podia diagnosticar (...). No interior do velho mundo marginal das prostitutas, das mulheres fáceis, dos debochados, emergia uma espécie coerente, homogênea, com suas características físicas originais. Os médicos haviam aprendido a detectar o homossexual, o qual, entretanto, se escondia. O exame do ânus ou do pênis bastava para desmascará-los (...). Constituíam uma espécie de etnia, ainda que suas características específicas fossem adquiridas pelo uso, mais do que determinada pelo nascimento"* (p. 81)

Pode-se observar uma convergência do corpo com a estrutura do "desejo" homossexual. Podemos supor, inclusive, uma hierarquização na constituição desse personagem, marcado por um regime de desejo que o posiciona numa *contra-natureza*. Interessante notar como essa concepção se atualiza em torno da AIDS. Observemos essa discussão de Parker (1990) num momento em que ainda predominava a figura do homossexual no perfil epidemiológico da AIDS: *"Embora a AIDS pareça ter entrado inicialmente no Brasil através de uma série de contatos sexuais*

entre pessoas do mesmo sexo, permanecendo estreitamente ligada à subcultura homossexual, a possibilidade de este quadro permanecer inalterado é remota (...). Nesse sentido, é interessante observar que já em dezembro de 1986, mais de 20 % dos pacientes com AIDS tratados em hospitais do Rio de Janeiro eram classificados (nos termos das categorias médico-científicas) como bissexuais. Porcentagem quase dez vezes mais elevada que a registrada na maioria dos hospitais da Europa e Estados Unidos. Esse panorama se complica ainda mais, acredito, pela prática disseminada do coito anal entre homens e entre homens e mulheres. O coito anal é fundamental nas interações entre pessoas do mesmo sexo no Brasil, quaisquer que sejam as identidades específicas dos participantes." (grifo meu/p. 73)

Através dessa exemplificação, pode-se observar uma nova investida no cerne do desejo homossexual: o coito anal. Essa investida contemporânea vem carregada dos melhores argumentos técnicos e científicos possíveis. De um lado a maior absorção por conta de uma vascularização do ânus propicia níveis maiores de contaminação. De outro lado, uma espécie de "carnavalização" da homossexualidade masculina brasileira num flerte constante com o inusitado e a morte. Longe de simplesmente discordar de assertivas de antropólogos e outros cientistas sociais que se encontram na linha de frente das pesquisas mais progressistas em torno da AIDS aqui no Brasil, podemos recorrer a crítica de uma concepção redundante do desejo. Se no século XVIII há uma economia do olhar que



encontra nas dobras do corpo a marca da prática sexual, o nosso século é um século dos pudores mal-dissimulados. Estes pudores são frutos de uma concepção sobre a homossexualidade masculina como campo de imanência a uma série de patologizações.

Essa operação é efeito de uma rede de causalidades que podemos perseguir através de um fluxo descontínuo da história da homossexualidade masculina. Começamos com a nossa discussão sobre a função da sexualidade numa constante tecnologização da vida. Podemos supor que a sexualidade desempenha uma função intrinsecamente produtiva numa época em que a vida é um imperativo de ordem técnica e social. Isso pode ser pensado através da constatação de uma instauração discursiva em torno da sexualidade. O ápice de uma sociedade baseada nas urgências da vida é a norma como "conceito" operador do corpo social. Sendo assim, a sexualidade humana torna-se um espaço de articulação de uma cultura subjetiva. Essa cultura subjetiva é o campo de integração desses três componentes básicos da modernidade biológica: a identidade, o desejo e a prática sexual enquanto instâncias dadas num mesmo sentido. Nessa "arrumação", o sujeito da sexualidade torna-se um axioma.

Podemos pensar que o homossexual só pôde emergir como sujeito de sua sexualidade num campo de possibilidades que oferece condições para uma historicização do desejo erótico. Essa "busca" do sentido na psicologia do indivíduo produz não apenas o homossexual como também o modelo heterossexual voltado

à procriação e à necessidade de "pensar" sua sexualidade além, obviamente, de vivê-la como condição de ser. Nesse sentido, a sexualidade não é apenas o que se vive, mas produto imediato do que se é. E numa espécie de equação óbvia (o que se vive = o que se é) uma série de instituições são articuladas com intuito de controle dos fluxos dos desejos das práticas sexuais. Assim, a sexualização da infância torna-se tema para as práticas psi; e a subjetivação das perversões torna-se um interesse médico, psicológico, político e epidemiológico.

Temos aqui uma dupla problemática em torno da homossexualidade. O sujeito homossexual parece excluído da ordem moderna - onde prática corresponde ao desejo - sendo no entanto um efeito assimilado como condição. Essa exclusão-inclusão da homossexualidade na ordem médico-social da modernidade é o paradoxo da emergência da "tecnologização" do erotismo. "Paradoxo", pois ao mesmo tempo em que a homossexualidade é negativizada como posição contrária à natureza, ela é positivada como um espelho da "idade da identidade". O que reflete a homossexualidade? Uma nova maneira de experimentar contatos entre os corpos, ou seja, forma de inflacionar a experiência erótica com o sentido (aqui, o "subjetivo").

A emergência da homossexualidade é um fato histórico que nos põe em contato com uma instauração discursiva (discursividade). Aqui torna-se necessário um esclarecimento de caráter metodológico:

"o que se diz sobre o sexo não deve ser analisado como a simples tela de projeção [de] mecanismos de poder. É justamente no discurso que vem se articular poder e saber. E, por essa mesma razão, deve-se conceber o discurso como uma série de segmentos descontínuos, cuja função tática não é uniforme nem estável. Mais precisamente, não se deve imaginar um mundo do discurso dividido entre o discurso admitido e o discurso excluído, ou entre discurso dominante e o dominado; mas ao contrário, como uma multiplicidade de elementos discursivos que podem entrar em estratégias diferentes." (Foucault, 1993, p. 95)

De posse desse esclarecimento, o tema da homossexualidade ganha um "estatuto" de território de constante re-significação que não se encontra regulada apenas por "agentes" sociais como a medicina ou a biologia, mas também como função possível dos próprios homossexuais. Nesse sentido, o "discurso" sobre a homossexualidade é articulado no interstício das práticas sociais "significantes". Se apontamos como ponto de emergência da homossexualidade uma relação médico-científica com a experiência erótica entre pessoas do mesmo sexo, supõe-se que há a possibilidade de re-significação dessa emergência no interior dos próprios movimentos homossexuais, não somente reivindicativos como também desejantes como a constituição de espaços de trocas sexuais, bares ou veículos de comunicação (como jornais, revistas e panfletos).

Dessa forma, existe uma reciprocidade-continuidade entre a ciência e o cotidiano, não de uma maneira a

negligenciar as especificidades e os estatutos, mas no sentido de uma elaboração estratégica de "campos de sentido". Ainda segundo Foucault (1993):

*"(...) o aparecimento no século XIX, na psiquiatria, na jurisprudência e na própria literatura, de toda uma série de discursos sobre as espécies e subespécies de homossexualidade, inversão, pederastia e "hermafroditismo psíquico" permitiu certamente, um avanço bem marcado dos controles sociais nessa região de perversidade; mas também, possibilitou a constituição de um discurso "de reação". A homossexualidade pôs-se a falar por si mesma, a reivindicar sua legitimidade (...) e muitas vezes dentro do vocabulário e com as características pelas quais era desqualificada do ponto de vista médico." (p. 96)*

Através dessa visualização do fato homossexual, percebe-se que há a constituição de uma natureza "ativa" e "produtiva" na emergência do sujeito da homossexualidade. Assim, a "cultura" em que emerge a homossexualidade moderna serve de pretexto para a construção de sentidos atuais para as posições assumidas pelos sujeitos homossexuais. Quando se disse, anteriormente, que esse personagem social serve de ponto de passagem ao modelo contemporâneo de homossexual propenso à contaminação pelo HIV é que é importante afirmar que na atualidade refaz-se uma obscura – porém, produtiva – aliança com o poder médico-científico. Obscura na medida em que o discurso científico articulou um espaço de identificação para os perversos, mas como corolário de um processo de patologização. No entanto, pode-se considerar a aliança

positiva a partir da constatação de um processo de conscientização dos riscos trazidos pela AIDS, como no histórico exemplo de São Francisco que conseguiu diminuir bastante a incidência de AIDS na sua população através de campanhas periféricas mas resultantes de uma moralidade médico-científica (Perlongher, 1987).

Podemos, também, visualizar esse processo em momentos como a época da "abertura" para a homossexualidade masculina brasileira, quando o tema da identidade era o ponto de apoio para movimentos que buscavam uma maior aceitação do fato homossexual. Autores como Parker (1990) e Fry (1982) apontam o reconhecimento de uma importação do modelo norte-americano e europeu de homossexual pelos movimentos brasileiros da década de 70. Essa importação se dá num contexto diverso do exposto anteriormente: ao lado de uma construção coletiva de identidade reivindicativa e diferente, pululam modelos antagônicos de vivência erótica e subjetiva do desejo sexual.

Há o reconhecimento de um processo polimorfo na constituição da identidade homossexual no Brasil. Parker (1990) fala em um "modelo popular" que articula uma relação flexível entre "desejo, prática e identidade". Nesse nicho social, a figura do homossexual encontrou um ponto de emergência, articulou lutas pela afirmação da diferença, uma espécie de *démarche* da revolução sexual e o seu momento de declínio numa certa proximidade com a emergência da AIDS. Pode-se pensar que a flexibilidade do modelo popular de sexualidade no Brasil

deve-se tanto a uma caracterização específica da sociedade brasileira quanto ao processo de "diluição" da identidade homossexual observada não somente no nosso país como nos E. U. A. e na Europa. Essa diluição é produto de uma maior "aceitação social" do homossexual no dizer de Pollak (1990) e de uma polissemia no interior mesmo da experiência erótica entre os homens.

Tentando pensar a especificidade do Brasil no caso da construção de "homossexualidades", pode-se recorrer a esse momento de diluição da identidade homossexual. Ao lado da diluição - "desaparecimento" no dizer de Perlongher (1991) - acompanha-se uma maior medicalização do corpo social como um todo. Esse "desaparecimento" da homossexualidade masculina parece dever-se ao constante processo de reorganização das trocas afetivas e sexuais no corpo social. Além disso, ao nomadismo da experiência homossexual brasileira, que não encontra na identidade um projeto e um "telos" universal. Diz Perlongher (1991) que "ao torná-lo completamente visível, a ofensiva de normalização (...) conseguiu retirar da homossexualidade todo mistério, banalizá-la por completo." (p. 43)

Essa "banalização pela norma" apontada por Perlongher é contemporânea de uma multiplicidade de práticas eróticas entre pessoas do mesmo sexo. Importante afirmar que o que é banalizado é um certo modelo hegemônico de homossexualidade que busca na identidade uma origem e um sentido. Ao lado desse

modelo, parece ir junto uma certa paranóia do olhar que buscava reconhecer o sujeito através das marcas deixadas pelo seu vício. Acontece que já não é necessário (ou possível?) reconhecer um sujeito da homossexualidade em todos os homens que se relacionam com homens. Uma série de autores nos apontam essa nova realidade. J. F. Costa (1994) propõe chamarmos de *homoerotismo* – em detrimento de uma categoria científica que é a homossexualidade – ao modelo relacional entre pessoas do mesmo sexo.

Homoeróticos ou homossexuais, acontece que é possível perceber uma configuração atual do homem que se relaciona com homem: vê-se casais másculos de adolescentes em novelas buscando relações estáveis e duradouras, além de suntuosas "drag-queens – uma espécie de prima escandalosa e *kitsch* do travesti – darem depoimentos inquietantes na televisão, além de servirem de inspiração para uma midiática questão atual, serão as drag-queens caricaturas dos gays ou das mulheres? Nessa confusão – apenas grosseiramente citada – percebe-se uma resposta atual à epidemia que relaciona sexo e morte explicitamente; essa "resposta" é a possível, ou seja, pode ser pensada como produto de uma nova posição social assumida pela homossexualidade masculina surgida da celebrada morte do homossexual que encontra na sua história pessoal indícios de sua prática. O homossexual contemporâneo é fruto de uma radical crise na política identitária ligada ao desejo sexual.

Aqui a questão da utilidade da identidade torna-se urgente; para que serve a identidade homossexual numa pluralidade de práticas eróticas que nem sempre encontram nos quetos ou na militância espaços de realização? Essa pergunta presunçosa parece ter sido respondida de forma inquietante pelos homens que se relacionam com homens. De um lado há uma corrida para o lar, seguida de uma purificação do casal homossexual higiênico e, de outro, há a parceria com o perigo iminente representado em certos momentos por doenças venéreas e agora pela AIDS. E ainda em outros momentos pela morte. Esses dois extremos usados como artifícios didáticos nos servirão de veículo para a discussão da AIDS. Que tipo de função desempenha na sociedade? Que tipo de respostas foram articuladas pelos homens que se relacionam com homens?



## NOTAS:

(1) VEYNE, Paul (1982): "São os acasos da história, as saliências e reentrâncias das práticas vizinhas e de suas transformações que fazem com que a gramática política de uma época consista em animar crianças ou, então, a administrar os fluxos: não é uma razão que edifica um sistema coerente. A história não é a utopia. As políticas não desenvolvem, sistematicamente, grandes princípios ("a cada um de acordo com suas necessidades", "tudo para o povo e nada por ele"); são as criações da história e não as da consciência ou da razão." (p. 161)

(2) FOUCAULT, Michel (1979). Diz que no século XVIII "os traços biológicos de uma população se tornam elementos pertinentes para uma gestão econômica e é necessário em volta deles um dispositivo que assegure não apenas a sua sujeição mas o aumento constante de sua utilidade" (p. 198). Nesse trecho percebe-se uma função produtiva dos poderes científicos modernos no aumento da "utilidade" das forças humanas ligadas à sua vida como espécie e especificamente ao seu corpo.

(3) FOUCAULT, Michel (Idem). Se a memória se tornou uma faculdade - ou exercício - que busca o reconhecimento e o resgate de uma identidade pessoal ou coletiva através da história, a contra-memória é uma concepção dialeticamente

oposta à primeira: trata-se de tomar o "desconhecido" e as rupturas como formadoras de um fluxo histórico, de uma identidade forjada no devir. Dessa forma, aquilo que não pertencia inicialmente à estrutura de um acontecimento, torna-se parte integrante de seu processo de "formação".

(4) HELLER, Agnes ( 1989)

CAPÍTULO III: OS HOMOSSEXUAIS E A AIDS - Problematizações em torno do tema da experiência erótica

"Por ora, é muito difícil fixar residência no país dos doentes e permanecer imune dos preconceitos decorrentes das sinistras metáforas com que é descrita a sua paisagem."  
(Sontag, Susan. 1994)

Existe um conto do autor Caio Fernando Abreu(1995)- "Dama da Noite" - que pode servir de inspiração para uma constatação "simbólica": a do surgimento de uma nova homossexualidade masculina. Este conto retrata um diálogo entre uma mulher madura e um jovem do final dos anos 80. Esse jovem pode ser o ouvinte atento das peripécias de uma série de homens e mulheres que não travavam lutas com a AIDS. O jovem não fala, apenas reage. Ele apenas se mexe em sua cadeira.

Nesse silêncio sugestivo, a mulher encontra a brecha para falar de sua vida. Esse jovem assustado é alegoria de toda uma geração, absorta no silêncio de uma estranha sensação: a da morte iminente. Não a morte simbólica da homossexualidade masculina. Nem a das ideologias e dos sentimentos. A morte trazida pela emergência da AIDS que dizimou uma série de pessoas jovens, espectadores perplexos de uma química contemporânea que mistura de forma literal o prazer e a morte. Impossível não lembrar dessas pessoas quando o sol queima nossa cara numa praia qualquer e vivemos nossa vida com a absoluta certeza de que não morreremos. Pelo menos, "desse" jeito.

Morre-se de outras formas, de outras químicas, de outros males, de outros jeitos. O problema surgido com a AIDS não é a salutar relação com o inexorável. Não é a constatação de que, enfim, aprendemos a morrer. Parece que "isso" não tem solução, ainda o esqueceremos. É preciso medir os problemas que surgiram com a epidemia da AIDS de forma a não cair numa espécie de reducionismo gerado pela presença cruel da morte em massa. Não se pode negar a óbvia relação surgida entre as práticas múltiplas de sexualidade e a morte no âmago da consolidação da AIDS como epidemia. Acontece que antes de ser um problema do corpo social "inteiro" - e daí surgir decorrência do tipo "como nos relacionamentos com nossa finitude?" - a AIDS era um problema de "bichas" ousadas que um dia teriam que se deparar com a morte. Conseqüência natural de uma prática que tem parentesco com o PATHOS, a morte de homossexuais parecia mais um escândalo público passageiro. "Passageiro" para a sociedade como um todo. Era um problema para os excluídos da ordem social - sexual de uma forma em geral.

Tornando-se problema de todos, contam-se os feridos e os mortos. Mas é possível esquecer que houve uma relação de causalidade entre homossexualismo masculino e a AIDS? Para um tempo que necessita de esquecimentos como veículo para construção de sentidos, nossa caneta serve como arma de uma memória renovada, não totalmente voltada ao ressentimento. Pois houve alegria e luta. Houve ternura e solidariedade. Há

urgência em juntarmos fragmentos, trechos e falas para nos confrontarmos com isso que ainda não passou.

Existem muitas formas de abordagem da epidemia de AIDS<sup>1</sup>. Nosso interesse é articular alguns subsídios da emergência da AIDS com uma caracterização contemporânea da homossexualidade masculina. Nesse sentido, podemos ter em uso dados mínimos para uma visualização da história oficial da epidemia.

A AIDS parece emergir no início da década de 80 (Camargo Jr., 1994 e Parker et alli ,1994), combinando uma série de fatores tais como cânceres e pneumonias em jovens adultos predominantemente homossexuais. A incidência inicial da epidemia leva, inclusive, a construção da sigla GRID (GAY RELATED IMMUNE DEFICIENCY) como uma imunodeficiência ligada aos gays. Dessa forma, busca-se uma ligação intrínseca entre a homossexualidade e a AIDS.

Segundo Camargo Jr. (idem) é possível pensar nessas primeiras notificações sobre a AIDS como produto da configuração do sistema de saúde dos EUA. Os primeiros casos de AIDS nos EUA foram detectados em uma clientela de um médico de Los Angeles que se tornou conhecido por ter uma atitude de maior abertura para com essa população. A partir dessa atitude, torna-se possível pensar numa contingência como fator inicial de detecção. Acontece que no Brasil a incidência inicial deu-se entre homens homossexuais e famosos, contribuindo para uma homogeneização do perfil.

Se nos Estados Unidos a resposta inicial à epidemia foi uma conscientização da população "gay", marcadamente concentrada em bairros e lugares de trocas afetivo-sexuais, levando em alguns momentos a incidência da epidemia a um nível muito baixo, no Brasil houve (e há) uma certa dificuldade em articular uma resposta baseada numa identidade definida. Segundo Parker(1994), essa dificuldade é, sem sombra de dúvidas, decorrência das pluralidades eróticas envolvidas com a prática homossexual brasileira.

A partir da incidência inicial da epidemia, houve uma construção dos grupos de risco que no Ocidente são constituídos pelos homossexuais masculinos e pelos usuários de drogas injetáveis. O Brasil ocupa um dos primeiros lugares numa tabela de países com maior número de casos de AIDS, segundo a OMS, desde a incidência inicial.

Hoje, a epidemia não se confunde com uma prática sexual específica, embora se mantenha um certo "mito de origem" em análises qualitativas dos números da epidemiologia atual. No Brasil, observou-se uma mobilização da sociedade civil em torno deste acontecimento que se consolidou através da constituição de grupos de discussão e luta por melhores condições de atendimento e tratamento em relação a AIDS (grupos como ABIA, fundada em 1986 (Parker et alii, 1994) e Grupo de Vida (Valorização, Integração e Dignidade do Doente de AIDS) podem ser utilizados como exemplo). A partir dessa mobilização, uma série de campanhas paralelas em torno da AIDS são

produzidas com o intuito de provocar uma maior conscientização da população sobre a epidemia.

Alguns grupos de mobilização eram formados por homens homossexuais ou tinham em seus quadros um número maior de homens homossexuais, só que a luta começa a auxiliar uma busca de todos por melhores condições de tratamento e prevenção em torno da epidemia. Essa mobilização de todos começa a gerar uma homogeneização das campanhas educativas que procuram alcançar jovens, homens, mulheres e usuários de drogas. Com esse cenário, o homossexual masculino passa de vítima inicial à ausente de uma campanha de prevenção regida por órgãos competentes ligados à saúde pública. Aqui as organizações não-governamentais e os grupos de mobilização homossexual tem uma função específica, discutindo temas ligados ao público gay.

Acontece que um dos impasses apontados por pesquisadores como Parker (1994) é a pluralidade de práticas eróticas encontradas no Brasil. Como alcançar uma população heterogênea através de campanhas educativas? Heterogeneidade, aqui, é também decorrência do processo contemporâneo da homossexualidade masculina abordado no capítulo anterior. A partir da "fruição" do desejo erótico entre homens torna-se difícil atender aos objetivos, às sintaxes, aos fluxos de diferentes personagens sociais envolvidos na prática homoerótica.

Nos EUA temos uma função paramédica da população homossexual (Perlongher, 1987). Aqui no Brasil percebe-se uma

série de estratégias que privilegiam a identidade homossexual moderna que não corresponde às realidades contemporâneas como ponto de sustentação das campanhas educativas. Através da AIDS, pode-se perceber que já não existe uma homossexualidade homogênea e trans-histórica que corresponda a diferentes práticas em diferentes contextos sócio-culturais. Essa constatação não pode ser utilizada como um impasse, mas sim como uma inspiração para campanhas específicas, contextualizadas<sup>2</sup>. Nesse caminho encontram-se alguns grupos de mobilização em torno da AIDS. Com essa visibilidade da questão, podemos nos perguntar sobre a posição que os homossexuais articulam face a epidemia, numa época em que a experiência entre corpos do mesmo sexo possui um outro estatuto, nem sempre correspondente à "identidade sexual".

Podemos utilizar um trecho de Alice no País das Maravilhas para iniciarmos uma discussão sobre a posição contemporânea da homossexualidade face à AIDS. O trecho é o seguinte: "(...) *mas, se não sou a mesma, a questão seguinte é: Quem sou eu neste mundo? Ahá! Eis um grande mistério!*" (Carrol, Lewis). De posse provisória desse trecho, podemos fazer uma ponte com um conto de Susan Sontag (1995) em que a autora fala de um paciente com AIDS que é bissexual. O seu livro revela uma densidade de questões trazidas pela AIDS que pode ser utilizado como fonte para a presente discussão. Numa parte do livro, uma das personagens diz para outra: "Você não pode obrigar as pessoas a cuidarem de si mesmas." Máxima das máximas, "cuidar



de si mesmo" virou uma espécie de obviedade e o "si mesmo" revela uma interioridade vivida como condição primordial para a vida em sociedade.

Através da AIDS, os homossexuais masculinos tiveram que avaliar esse "si mesmo". A emergência da epidemia não revelou uma confusa heterogeneidade de gêneros e papéis sociais, mas suscitou um refluxo na contínua caracterização personológica de experiência homossexual. A AIDS aparece como doença de homossexuais, agora duplamente patológicos: a homossexualidade como decorrência de condições psicológicas e a homossexualidade como prática propensa a contaminação pelo HIV.

Essa individualização parece ser a mecânica das doenças modernas, mesmo em se tratando de epidemias. Sontag (idem) chama a atenção para essa personificação da doença: "*Com a nova mobilidade (social e geográfica) que se tornou possível no século XVIII, o valor e a posição social não são estabelecidos de antemão, tendo de ser afirmados. Eles se afirmaram através de novas atitudes diante da doença. Tanto a roupa (vestimenta externa do corpo) como a doença (uma espécie de degradação interna do corpo) se tornam argumentos de novas atitudes diante da personalidade*" (p. 39). Com essa caracterização começa a haver uma relação entre personalidade e propensão a doenças. Essa relação revela um fundo moral de julgamento: aquele que se torna vítima de suas paixões e aquele que é o culpado pela sua "vida interior".

Através dessa construção moderna, percebe-se uma relação entre as racionalidades médico-científica e a vida cotidiana com as constantes problematizações em torno da natureza das doenças e dos doentes. Esse processo se atualiza com a AIDS: através da incidência inicial entre homossexuais masculinos, procura-se um nexos entre a prática perversa e a doença. Essa doença do excesso, da promiscuidade, da extensa vascularização do ânus revela-se um correspondente contemporâneo das pestes que misturam em seu bojo presságios voltados aos excessos da população e do indivíduo. É interessante pensar que essa atualidade não se encontra ao lado de uma ausência de cientificidade (seja lá o que isso signifique) mas no interior mesmo da construção da categoria diagnóstica da AIDS.

É importante chamar a atenção para essa atualidade. Através da racionalidade desenvolvida em torno da AIDS, a homossexualidade ganha um novo contorno, acentuado a sua proximidade com a morte (anti-natureza numa época de negação da finitude). Mas a questão central articulada aqui é a seguinte: que homossexualidade é essa revelada pela emergência de AIDS? Essa pergunta não será discutida através de uma espécie de metafísica do sentido, procurando revelar a nulidade dessa categoria contemporânea pela não correspondência com as práticas cotidianas. Ao contrário, pretende-se medir a força dessa construção e os nexos constituídos pelos homens que se relacionam com homens. Trata-se da busca da legitimidade e

não da natureza. "(...) *E a moral disso é: "Seja o que você pareceria ser"* "(Carrol, Lewis, *idem.* p. 87)

Para elaborar essa discussão, recorre-se ao estatuto de pesquisa histórica. O tema surgido com a emergência das AIDS pode ganhar um "tratamento" de cunho histórico. Para utilizar essa especificidade, torna-se necessário apresentar e discutir uma concepção de história que constitua um campo de diálogos entre posições historicamente forjadas, além de possibilitar uma interpretação<sup>3</sup> dos acontecimentos como instrumento para o reconhecimento de singularidades e possibilidades não-realizadas. Após essa apresentação, é possível buscar subsídios da posição assumida pelos homens que se relacionam com homens com o advento da AIDS...

## NOTAS

(1) CAMARGO JR, Kenneth Rochel (1994) faz em seu livro uma pesquisa sobre a construção da AIDS no interior do discurso médico, mostrando os pontos de ruptura e descontinuidade até o momento em que a sigla AIDS corresponde a uma série de "manifestações". Segundo o autor, "(...) a utilização destes termos [como SIDA e AIDS] pressupõe uma vez mais a existência do objeto-doença (...). AIDS foi um dos termos adotados numa longa linha que vai da pneumonia por *Pneumocystis Carinii* em homossexuais previamente saudáveis até a infecção pelo HIV." (p. 43). Acompanhar essa linha parece ter sido o objetivo do autor numa concepção crítica da relação entre a clínica e a epidemiologia. Ainda segundo o autor podemos observar a articulação da idéia de contaminação entre homossexuais desde a emergência da epidemia até a atualidade: "Embora esta concepção [que liga AIDS à homossexualidade masculina] tenha mudado substancialmente nos anos que se seguiram (...), a antiga GRID [GAY RELATED IMMUNE DEFICIENCY] persiste como pano de fundo para as concepções etiológicas acerca da AIDS" (p.47)

(2) "Seria preciso, talvez, conceber uma política sexual diferente, que não desconhecêsse a multiplicidade dos desejos eróticos nem tentasse disciplinar pedagogicamente os perversos e seus prazeres. Trata-se de oferecer a melhor

informação possível, mas afirmando o direito de dispor do próprio corpo e da própria vida(...)" (Perlongher, 1987, p. 91)

(3) A concepção de interpretação utilizada aqui não visa a descoberta da verdade essencial dos fatos históricos, mas a utilização de instrumentos capazes de provocar uma nova visibilidade sobre os fatos. Essa possibilidade nasce a partir da concepção crítica de interpretação utilizada por Sontag (1987) em seu texto Contra a Interpretação e da discussão travada por Michel Foucault (1979) em Nietzsche, a Genealogia e a História. Nesse texto, o autor tem uma posição interessante sobre o acontecimento. Segundo Foucault, "é preciso entender por acontecimento não uma decisão, um tratado, ou reino, ou uma batalha, mas uma relação de forças que se inverte, um poder confiscado, um vocabulário retomado e voltado contra seus utilizadores, uma dominação que se enfraquece, se distende, se envenena e uma outra que faz sua entrada mascarada. As forças que se encontram em jogo na história não obedecem nem a uma destinação, nem a uma mecânica, mas ao acaso da luta. Elas não se manifestam como formas sucessivas de uma intenção primordial; como também não tem o aspecto de resultado." (p. 28) Dessa forma, se o acontecimento não deve ser entendido como "resultado", existem formas de densificação do fato histórico que possibilitam a emergência de um entendimento atual sobre o mesmo. Com essa contribuição, o termo "interpretação" pode

ser utilizado como causa de novas relações, que são possibilitadoras de novas perspectivas sobre os fatos. Se acompanharmos a história social da AIDS apenas da forma possibilitada pelos órgãos oficiais, poderemos concluir que não se trata de uma epidemia com "grupos de risco". Mas para construirmos uma história efetiva da AIDS é necessário pensar que a dissolução de idéia de "grupos de risco" traz em seu interior uma luta, um diálogo e não simplesmente um consenso. Quando a palavra "interpretação" for utilizada daqui por diante, será no sentido de uma abordagem do acontecimento como ponto de emergência e confronto. Nesse sentido, a função de interpretação seria medir a importância dessa emergência e provocar uma visibilidade atual do(s) "confronto(s)".

## CAPITULO IV- EM BUSCA DE UMA CONCEPÇÃO DE HISTÓRIA

"A história é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de 'agoras'."

( Benjamin, Walter [1940] 1993)

Quando Caio Fernando Abreu faleceu em março de 1996, um jornalista disse que em seus contos "nada acontecia"; possuindo, no entanto, um vigor que salta aos olhos. Caio Fernando Abreu pode ser considerado como um dos escritores mais importantes de nosso tempo e em seus contos o tempo corrido e recheado é substituído por uma espécie de tempo vivido, densificado e paralisado. Quando o tempo pára, é possível perceber uma ruga na pele dos moços, um gesto desesperado do transeunte no meio da metrópole e produzir um novo abrigo nas palavras. Abrigo quente, fresco, leve, pesado, tosco, transitório. Mas abrigo. Como, por exemplo, quando o narrador se confronta com a iminência da morte num conto de 1995, um ano antes da morte do autor: "E decidi: Vou viajar. Porque não morri, porque é verão, porque é tarde demais e eu quero ver, rever, transver, milver tudo que não vi e ainda mais do que já vi, como um danado, quero ver feito Pessoa, que também morreu sem encontrar. Maldito e solitário, decidi ousado: vou viajar." (p. 248)

A viagem do narrador é combustível para o conto. Na "espessura" das palavras, o destino consuma a direção. Aqui a morte anunciada. Lá a infância re-descoberta. O "nada" dos contos de C. F. Abreu é o instante em que as palavras encontram rumos outros além dos significados imediatos. A inspiração do autor é encontrada numa postura mística<sup>1</sup> diante da vida: dragões povoam a casa de um dos personagens e deixam sinais obscuros, tímidos, mas óbvios. O autor cria uma nova maneira de desconfiar da obiviedade, constituindo um tempo místico para os acontecimentos. A linguagem do autor é abrigo constituído à força - mas com destreza - no interior da Língua<sup>2</sup>. E os abalos provocados pela sua obra ainda terão de ser medidos, pois são como sementes prestes a realizar seu poder "germinativo".

As sementes necessitam de sol e de água. Assim como necessitam de reconhecimento os acontecimentos "minoritários" da história. Walter Benjamin (1929), pensador de outros temas e contextos escreveu uma certa vez sobre o surrealismo que faz uma importante advertência acerca do "destino": *"Desconfiança acerca do destino da literatura, desconfiança acerca do destino da humanidade européia, e principalmente desconfiança, desconfiança e desconfiança com relação a qualquer forma de entendimento mútuo: entre as classes, entre os povos, entre os indivíduos"* (p. 34). Essa "desconfiança" proferida pelos surrealistas, segundo Benjamin, serve de instrumento para a construção de uma arte revolucionária.



Utilizando o tema de uma "desconfiança", o pensador chega a um dos conceitos mais caros às suas reflexões: o pessimismo. Movidos por um pessimismo integral, artistas, intelectuais e historiadores podem modificar as suas posições no fluxo da história. E é sobre história que Benjamin fala na continuidade do texto citado: "(...) *trocar o olhar histórico sobre o passado por um olhar político.*" (p. 26). A partir desse encontro entra a função histórica dos surrealistas, o destino da literatura e a própria função da história, podemos perseguir uma concepção de história para a constituição de um campo de reconhecimento dos acontecimentos recentes em torno da AIDS. Essa concepção será apresentada de acordo com os seguintes itens: crítica ao historicismo, necessidade de construção de uma "função política" para o historiador e utilização do tempo histórico como feixe de relações entre fatos e agentes sociais. Cumpre registrar que a concepção que será apresentada foi encontrada na obra de Walter Benjamin.

O pensador Walter Benjamin escreveu um texto em 1940 que serve de fio condutor, ou ainda de veículo para entrada em sua obra (Gagnebin, Jeanne-Marie, 1993). O texto Sobre o Conceito da História é a reunião de teses sobre a concepção de história utilizada pelo autor em contraposição ao conceito instrumentalizado por uma tradição marxista e por intelectuais de esquerda, além de militantes da social-democracia alemã, que não conseguiram construir uma frente coerente de luta contra a ascensão do nazismo<sup>3</sup>. Ao mesmo tempo em que nas teses é

possível perceber a constituição de uma concepção singular de história pode-se acompanhar alguns dos temas recorrentes na obra do autor. Alguns desses temas são uma postura crítica em relação as obras de arte na modernidade além de uma reflexão sobre a modernização das cidades.

Aqui, nos interessa especificamente a concepção de história articulada na obra de Benjamin. Sabe-se, obviamente, que para uma visibilidade desse conceito é necessário refletir sobre os outros temas de sua obra que se cruzam com essa posição, ou então, que se alimentam dessa concepção. Uma visão da obra do autor pode servir de instrumento para a constatação de uma "totalidade" em seu projeto, denotando um reconhecimento do conjunto partindo-se de um eixo fundamental. A concepção de história articulada nas teses é, primeiramente, uma crítica ao historicismo que propunha um reconhecimento afetivo entre o historiador e o passado, dando a entender que a função do pesquisador encerra-se numa busca dos "feitos" das épocas passadas através de uma identificação entre passado e presente. Ao mesmo tempo, há a necessidade de construção de uma história universal. Identidade, afetividade e universalidade entrecruzaram-se numa concepção arquivista da história, não preocupada em acompanhar o devir na historicidade humana. Segundo Benjamin (idem) na tese XVII:

*"o historicismo culmina legitimamente na história universal (...). A história universal não tem qualquer armação teórica. Seu procedimento é aditivo. Ela utiliza a massa dos fatos, para com eles preencher o tempo homogêneo*

*e vazio. Ao contrário, a historiografia marxista tem em sua base um princípio construtivo. Pensar não inclui apenas o movimento das idéias, mas também sua imobilização (...)*" (p. 231)

O alvo da crítica de Benjamin é um modelo da "Hermenêutica Moderna" (Gagnebin, 1994) representada por Dilthey em um projeto de compreensão do passado a partir de suas próprias caracterizações. No trecho da tese citada, observa-se que o autor procura uma dimensão diferenciada da constante "adição" de fatos a consciência histórica através de um "princípio construtivo", ou seja, da possibilidade de reconhecer que nem mesmo o passado está "pronto", existindo no interior mesmo de sua fisionomia relações inespecíficas entre fatos e agentes sociais que podem causar versões atuais do fluxo histórico. Esse princípio construtivo da historiografia marxista introduz, de acordo com a discussão de Benjamin, uma necessidade de imobilização do tempo através do processo de reconhecimento das emergências históricas. Nesse sentido, o que aconteceu ao passado é retirado do caráter de necessidade histórica para se tornar fruto de possíveis históricos. Obviamente que existe, aí, um princípio de tornar o que aconteceu uma causa de determinados acontecimentos históricos. É necessário reconhecer, também, que o historicismo auxilia na busca de uma caracterização singular do "passado histórico", só que isso se torna seu objetivo formal. Numa concepção de história que busca reconhecer o passado por intermédio de uma

urgência do presente, a contribuição do historicismo é transição para um conceito construtivo de tempo histórico.

O princípio construtivo de tempo histórico é uma das marcas da posição de Benjamin no pensamento filosófico. A sua crítica ao historicismo alemão, por exemplo, é produto de sua preocupação com um "tempo homogêneo e vazio" apontado como constituinte de uma concepção mecanicista de história. A essa concepção trivial e progressista da história, Benjamin opõe uma concepção que busca reconhecer a intensidade do momento em "que se escreve" e "vive" a história. Nesse sentido, sua crítica se dirige também aos social-democratas alemães que viam no "nazismo" uma visão transitória e anacrônica sobre a sociedade alemã. Essa posição ética dos social-democratas busca um refúgio numa concepção progressista do tempo histórico, ou seja, que se realiza em teleologias. O movimento operário alemão — com sua tradição combativa — não conseguiu responder a essa emergência histórica de forma satisfatória, pois tinha infiltrada em sua própria "consciência política" uma visão redundante do avanço tecnológico; supondo que esse avanço significava um veículo de evolução da própria classe operária ou do "gênero humano":

*"Nada foi mais corruptor para a classe operária alemã que a opinião de que ela nadava com a corrente. O desenvolvimento técnico era visto como o declive da corrente, na qual ela supunha estar nadando. Daí só havia um passo para crer que o trabalho industrial, que aparecia*

*sob os traços do progresso técnico, representava uma grande conquista política.*"(Tese XI).

A classe operária, dessa forma, não teve condições de constituir uma oposição a emergência do nazismo nem de refletir criticamente sobre o desenvolvimento técnico proferido como transição a realização de seus interesses. Na tese XIII sobre a concepção da história, nosso autor, mais uma vez, busca uma oposição ao tempo vazio utilizado pelos social-democratas:

*"Segundo os social-democratas, o progresso era, em primeiro lugar, o progresso da humanidade em si, e não de suas capacidades e conhecimentos. Em segundo lugar, era um processo sem limites, idéia correspondente à da perfectibilidade infinita do gênero humano. Em terceiro lugar, era um processo essencialmente automático, percorrendo, irresistível, uma trajetória em flecha ou em espiral (...) a idéia de um progresso da humanidade é inseparável da idéia de sua marcha no interior de um tempo vazio e homogêneo."* (p. 229)

O "tempo homogêneo e vazio" criticado por Benjamin pode ser encontrado num conceito de progresso inelutável do gênero humano. Esse tempo sem espessura é a sustentação dos social-democratas e do próprio historicismo, que não buscam compreender a história como contendo camadas de sentido às vezes opostas entre si. A preocupação de Benjamin com essa concepção monolítica de tempo remonta a reflexões anteriores em sua obra e encontra outros pontos de sustentação. O "jovem" Benjamin, por exemplo, buscava em um texto sobre a "experiência" criticar uma posição reacionária diante da juventude assumida pelos adultos e "amadurecidos". Essa posição

reacionária era o interesse em dissolver os momentos singulares da experiência atual devido a magnitude da conquista de uma opacidade posterior diante da vida, do amor e das causas políticas<sup>4</sup>. A juventude tem a virtude da permeabilidade às coisas da vida, enquanto a experiência do adulto é a conquista da lucidez sobre os fatos.

O tema da experiência retorna outras vezes na obra do pensador. Num outro texto intitulado Experiência e Pobreza (1933), escrito vinte anos após o texto anterior, Benjamin utiliza a experiência "adulta" em sua dimensão positiva. Nesse texto, o autor critica a condição moderna do sujeito social que não encontra relações entre a cultura e a sua vida. É que os patrimônios culturais são um acúmulo de "cisões" na continuidade sujeito-obra de arte e sujeito-modernidade. À essa época de cisões, situada nesse texto entre os anos de 1914 e 1918 — tempo da I<sup>o</sup> Grande Guerra — Benjamin propõe uma conceituação da barbárie positiva:

*"Barbárie? Sim. Respondemos afirmativamente para introduzir um conceito novo e positivo de barbárie. Pois o que resulta para o bárbaro dessa pobreza de experiência [constatada na modernidade européia]? Ela o impele a partir para a frente, a começar de novo, a contentar-se com pouco, a construir com pouco, sem olhar nem para direita nem para esquerda"* (pp. 115-116)

Após essa conceituação, o autor procura artistas e pensadores que representem esses homens desiludidos com o

século e fiéis ao "pouco" oferecido pelo mesmo. Citando Paul Klee, Bertolt Brecht e o arquiteto Adolf Loos, Benjamin articula uma crítica a cultura e propõe a utilização de uma barbárie eticamente envolvida com os patrimônios do século: desenvolver formas atuais de relação com a arte, com a "interioridade" e a sociedade. Essas "formas atuais" dão o tom de uma função urgente do pensamento histórico-filosófico, que pode ser o de uma incorporação alegre da cultura para o desenvolvimento de uma experiência possível entre o sujeito e o patrimônio humano. Essa discussão se atualiza na preocupação de constituir um espaço de intervenção para o historiador materialista. O reconhecimento de uma "pobreza" de experiência na atualidade visa à construção de uma relação necessária entre o presente — que não é mera transição ao futuro — e o passado, que por sua vez, não é mera substância de um reconhecimento ou reminiscência.

Ter uma posição efetiva no fluxo do tempo histórico significa, aqui, desenvolver um entendimento singular sobre o passado a partir de um presente cindido e remetido a uma urgência. A urgência na época das teses era a obscura assimilação do nazismo. Que outras urgências podem ser apontadas como formadoras de posições éticas? Podemos pensar que os "perigos" servem como inspirações para as lutas e as tomadas de posição. Ao historiador materialista, resta a função de construir uma experiência atual e renovada com o passado e o presente. Essa função anti-historicista realiza-se num

descontentamento com a simples reunião de fatos para a constituição de uma historiografia.

Além de poder desenvolver uma experiência radical com o passado -- representada pelo reconhecimento de uma relação de mútua implicação entre o passado que se resgata e o presente em que se visualiza e viabiliza esse passado -- o historiador materialista necessita reconhecer que o seu olhar sobre o passado é transitório e passível de idiosincrasias, pois já não há dissimulação em admitir que na raiz da história humana há indícios de uma parcialidade, de uma pesquisa que é perspectiva. Essa caracterização ética -- e epistemológica -- visa a um princípio teórico que não inviabilize a totalidade, mas reconheça caminhos alternativos e provisórios para esse objetivo. Assim, o historiador materialista não se preocupa com os "grandes feitos" ou as "vitórias reconhecidas", mas com os níveis em que se constroem as historicidades. Numa obra de arte, mais do que constatar um espírito de época, é possível reconhecer um processo tanto de produção artística quanto de formas de recepção. A um olhar "reconhecedor" a historiografia materialista propõe uma visão de conjunto, pois o reconhecimento parece se contentar com um cruzamento entre a ordem do instituído e o cotidiano, constituindo uma hierarquia entre os mesmos. Já uma "visão de conjunto" não busca apenas reconhecer "gramáticas políticas", mas tenta localizar as esferas de ruptura ou continuidade com essa ordem.



O historiador materialista tem sua função exercida por intermédio de uma visão de conjunto. Com essa finalidade, no entanto, ele não se constrange em narrar o cotidiano, em se preocupar com acontecimentos minoritários. Na tese III Benjamin diz que:

*"o cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história (...)"* (p. 223).

Para realizar essa função de "recuperação" do passado por intermédio do momento mesmo em que se escreve a história, é importante "(...) escovar a história a contrapelo." Dessa forma, o historiador materialista se "engaja" numa preocupação ética com o seu passado e seus personagens. Uma historiografia tradicional apontaria uma coerência interna do fluxo da história, mas um historiador materialista necessita procurar as cisões e os declives no curso da história humana não para oferecer uma resolução dos mesmos, mas para medir suas forças e utilizar seu poder de transformação da narrativa<sup>5</sup>.

A narração tem um parentesco com a história. Benjamin, num texto de 1936<sup>6</sup>, constata a crise da narração numa sociedade baseada na fragmentação da experiência coletiva em decorrência da utilização de novas forças produtivas. A arte da narrativa tinha em seu bojo a relação entre aquele que narra, quem ouve e o que se narra. Essa arte era embalada por um fluxo temporário propiciado pelas forças produtivas envolvidas com o artesanato. A aliança de um sistema artesanal com a palavra era tecida por intermédio da inequívoca coerência das experiências individuais. À época da existência dos narradores corresponde um nível de experiência que não cinde as histórias natural, social e a individual. Benjamin nos chama a atenção para a forma de abordagem da experiência após a crise da narração: o romance.

O romance surge como instrumento de uma sociedade baseada na tecnologização da vida em detrimento de uma continuidade da natureza na existência humana. Mesmo assim, Benjamin não encerra a sua reflexão numa constatação melancólica do fim da narração. A arte da narrativa parece manter uma forma de aparecimento em abalos significativos no interior do próprio romance ou da vida cotidiana das pessoas interessadas em conquistar "sentidos de vida" e imperativos morais para a dignidade de suas próprias existências. A narrativa oferece possibilidades atuais para o historiador materialista, interessado em tornar significativas as experiências coletivas e individuais; além de medir as

implicações de divisão entre vida individual e existência histórica.

O parentesco do trabalho do historiador com a figura extinta do narrador parece visar a uma função atual de interpretação do devir histórico. Se a função do historiador materialista é proceder a uma análise do descontínuo no interior da história e, além disso, provocar uma visibilidade da relação entre o indivíduo e a historicidade, poderíamos dizer que a narração empresta seu sentido imediato a uma interpretação ética dos acontecimentos. O historiador materialista não "toma partido", mas não tem embaraço ao admitir que sua visão é produto de sua posição no decorrer da história. Reconhecer a fragmentação da experiência e a irredutibilidade do passado e do presente e a preparação de um futuro possível — parecem ser desejos do historiador materialista.

A partir desses subsídios, podemos compreender a frase "(...) trocar o olhar histórico sobre o passado por um olhar político (...)" como urgência em escapar de armadilhas de uma história baixa — no sentido de aparentemente desinteressada — para a construção de uma história perspectiva e atual. Sem recorrer a uma dissimulação do presente imbuído do fim da narrativa e da perda do sentido das experiências, resta recomeçar as histórias com a certeza de que há conseqüências em procurar outros caminhos de entendimento sobre os fatos. Essas conseqüências podem ser encontradas numa mudança de estatuto do

que se chama de "fato histórico" por intermédio da interpretação ética articulada tanto por quem escreve a história, como por quem é reconhecidamente capaz de provocá-la.

Nesse sentido, recorrendo a essa concepção apresentada anteriormente, podemos procurar uma forma de entendimento da posição assumida pelos homossexuais frente à AIDS como instrumento para o reconhecimento de importância das experiências individuais como resposta a crise trazida pela epidemia e pelas racionalidades desenvolvidas em torno da mesma. Assim, os homossexuais podem ser encarados não como vítimas da epidemia, mas como agentes de transformações significativas em suas vidas cotidianas, em suas experiências erótico-afetivas, no estatuto de sua posição histórico-social e em suas respostas de ordem preventiva e política à epidemia. Dessa forma, o historiador materialista se atualiza numa tentativa de entendimento da crise propiciada pela emergência de AIDS. Ele se atualiza, pois é urgente, e a "imagem do passado" se fixa num relampejo (Tese V). Essa "imagem" aparece em contos de Caio Fernando Abreu lidos como conselhos apressados a uma geração que tem pressa de viver não para conquistar a siseudez do amadurecimento, mas para transitar na possibilidade do presente e em todos os perigos que isso possa representar. A imagem também aparece em rostos furtivos, fisionomias velozes de um mundo em aceleração. Vamos buscar essas fisionomias, essas reminiscências.

O presente capítulo se encerra com uma bela imagem articulada por Benjamin no ano de sua morte na tese II sobre a história:

*"Pois não somos tocados por um sopro do ar que foi respirado antes? Não existem, nas vozes que escutamos, ecos de vozes que emudeceram? Não têm as mulheres que cortejamos irmãs que elas não chegaram a conhecer? Se assim é, existe um encontro secreto, marcado entre as gerações precedentes e a nossa. Alguém na terra está a nossa espera."* (p. 223)

Com essa imagem de recuperação e reconhecimento, a história materialista parece se renovar com uma função de transitar pelo passado por intermédio daquilo que o impele para o presente. Resgatar o passado é, concomitantemente, reconhecer a espessura do presente. Pois somente um presente reconhecido como "agora" é capaz de buscar no passado imagens inacabadas de si mesmo. Retomar essas imagens em prol de uma barbárie positiva. Eis o sentido de sua existência. Tal como nos contos de Caio Fernando Abreu, onde os seus personagens buscam desesperadamente, indícios, ruínas, sentidos, abrigos. A única diferença é que não estamos desesperados. Pelo menos, por enquanto.

## NOTAS:

1. Interessante observar que Benjamin, no texto O Narrador - de 1936 - procura apresentar a batalha da narração com o mito nos contos de fadas: os personagens justos representam uma vitória sobre os mitos além de articular uma aliança com as forças da natureza. Diz Benjamin: "o conto de fadas nos revela as primeiras medidas tomadas pela humanidade para libertar-se do pesadelo mítico. O personagem do "tolo" nos mostra como a humanidade se fez de "tola" para proteger-se do mito; o personagem do irmão caçula mostra-nos como aumentam as possibilidades do homem quando ele se afasta da pré-história mítica; o personagem do rapaz que saiu de casa para aprender a ter medo mostra que as coisas que tememos podem ser devassadas; o personagem "inteligente" mostra que as perguntas feitas pelo mito são tão simples quanto as feitas pela esfinge; o personagem do animal que socorre uma criança mostra que a natureza prefere associar-se ao homem que ao mito. O conto de fadas ensinou há muitos séculos à humanidade, e continua ensinando hoje às crianças, que o mais aconselhável é enfrentar as forças do mundo mítico com astúcia e arrogância." (p. 215) Essa batalha com o mito é atualizada em algumas esferas da literatura e Caio Fernando Abreu pode ser considerado como um dos escritores presentes

nesse confronto, nele a "postura mítica" diante do mundo é articulada de maneira radicalmente profana, fazendo da existência dos personagens algo inteiramente desprovido de "grandes feitos", mas imbuído de intensidade. Os Dragões Não Conhecem o Paraíso é um exemplo típico dessa existência, pois a suposição da presença de um dragão na casa de um personagem é o caminho de construção de novas possibilidades de vida e o confronto do personagem com um dragão inexistente assemelha-se à batalha da literatura de Abreu com a hegemonia de uma imagem triste e psicologizada do homossexual contemporâneo. O homem homossexual dos contos de Caio Fernando Abreu é um sujeito absolutamente comum, mas dotado de incrível capacidade de discernimento, reflexão e humor. Nem mesmo a AIDS é capaz de tornar esse homem triste, pois ele tem muito o que fazer nos bares, nas casas, nas vidas das pessoas; ele tem a face cansada, mas é firme em suas resoluções e costuma acreditar que seu desejo é um bom motivo para a sua existência. Por isso, sua vida é absolutamente formidável, pois não há perda de tempo na busca de um sentido que já se encontra ali, no momento mesmo de suas aventuras.

- (2) Ver Deleuze, Gilles e Guattari, Félix (1977): *"Opor um uso puramente intensivo da língua a todo uso simbólico, ou mesmo significativo, ou simplesmente significante."* (pp. 29-30). Essa oposição, segundo os autores, é a característica de uma literatura minoritária constituída como uma toca no interior da Língua.

(3) Sobre esse tema ver Jeanne-Marie Gagnebin (1993), principalmente no capítulo inicial que tenta situar o momento histórico em que Benjamin escreveu as Teses Sobre a História. Além desse texto, é importante recorrer ao livro de Angela M. de Almeida (1990) sobre a República de Weimar para um entendimento consistente - mas introdutório - acerca da situação política que possibilitou a emergência do nazismo como alternativa na Alemanha. Além desses, ver Leandro Konder (1989).

(4) *"Em nossa luta por responsabilidade enfrentamos um mascarado. A máscara do adulto chama-se "experiência". Ela é inexpressiva, impenetrável, sempre igual. Esse adulto já experimentou tudo: juventude, ideais, esperanças, a mulher. Tudo foi ilusão. Freqüentemente ficamos intimidados ou amargurados. Talvez ele tenha razão. O que podemos contestar-lhe? Nós ainda não experimentamos nada."* (Benjamin, 1913, p. 13); Logo a seguir Benjamin chama a atenção para a conquista do amadurecimento através da experiência: *"E, cada vez mais, somos tomados pela sensação de que nossa juventude não passa de uma curta noite (viva-a plenamente com êxtase!); depois vem a grande "experiência" anos de compromisso, pobreza de idéias e monotonia. Assim é a vida, dizem os adultos, isso eles experimentaram."* (Idem, p.13)

(5) Sobre esse tema ver Jeanne-Marie Gagnebin (1994), especialmente capítulo 3 "Não Contar Mais?".



(6)O texto se intitula "O Narrador : Considerações Sobre a  
Obra de Nikolai Leskov" e se encontra em Benjamin, Walter-  
OBRAS COMPLETAS, São Paulo, Brasiliense, 1993

## CAPÍTULO V : A CONSTRUÇÃO DE RESPOSTAS SINGULARES EM TORNO

## DA AIDS

"O anjo da história [tem] seu rosto dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa sobre nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro ao qual ele vira as costas enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos de progresso."

(Benjamin, Walter [1940], 1993, p.226)

É quase noite em Niterói. As estrelas, tímidas, vêm mergulhar no asfalto seco e frio da cidade iluminando rostos apressados que não se comunicam. Os rostos não se comunicam mas o asfalto seco e frio resseca os pés por dentro dos sapatos usados. Nesse cenário árido, Karen "A Gostosa" e suas meninas sobem ao palco frágil de uma festa de rua num bairro operário. A boca dos travestis é como uma senha que nos leva a todos a um tempo de compartilhar existências. Compartilho minha barba cerrada com um grupo de rapazes e moças que assovia a cada passo desequilibrado de Karen. Compartilham comigo uma magia e uma surpresa com o enamoramento entre a platéia e os travestis.

Não é da boca de Karen que vem esse clima. Não é da camisa de tantos desses rapazes de boné que vem essa festa. Não

é de meu bolso, nem das letras americanizadas que repetem "love", "body", "sexy". Deve vir de outros espaços, de outros sons. Um pedestre desavisado não entenderia o ardor com que a platéia recebe as meninas vindas de muitos lugares. Dizem que o povo quer circo e talvez seja feito de graça esse picadeiro onde corpos calejados, transformados e perfumados reboam sisudos versos em bocas carentes de coerência. Os travestis estão cada vez mais ousados, percebo isso pelo tom cintilante que cobre a genitália aclamada de um dos artistas. Antes do show, comum em festas de rua de meio de ano, os travestis passeavam resolutos com um ar de quem já deve ter visto o filme Priscilla várias vezes . Mas eles são mais quentes, seus passos são pesados e seus olhos tocam de leve nossas cabeças zonzas de tanta "dance".

Retrato tipo 3x4 tirado às pressas de um bairro que não consta no mapa, o espetáculo é a senha para fazermos uso de uma interpretação da crise trazida pela AIDS e seu gerenciamento. O argumento de que cada vez mais o fenômeno de um devir-mulher vai se cristalizando em figuras antipáticas encontra ressonância nas citadas drag-queens. Enquanto isso, os travestis consomem boa parte da verba destinada às festas de rua patrocinadas por recorrentes candidatos às eleições. Acontecimentos singulares, a coagulação drag-queen e a midiaticização dos travestis são arestas re-colocadas na vida contemporânea do homem homossexual.

O homem homossexual não pinta seu sexo de cores cintilantes para disputar com a lua um pouco de luz. Não esconde a língua num verso de música, nem dobra as pernas à procura de uma pose que seja a mais grotesca e feminina possível. Talvez alguns homens que assistissem ao show dos travestis sentissem desejos por outros homens ou, quem sabe, tivessem experiências eróticas com outros homens. Isso seria uma intriga a mais. O que surge como material para análise é a ausência de atributos necessários para a identificação na "massa" do homossexual contemporâneo. Não precisamos ir muito longe. A cidade está cheia de boates, bares, e jornais específicos para a troca de fluxos sociais envolvidos com o desejo homossexual. Mesmo assim, o código "desejo homossexual" não se sustenta como uma origem suficientemente fechada e inteligível para a pluralidade de nomes e experiências entre os corpos.

Se o código não se sustenta, a AIDS é campo de aparecimento de ambigüidades e paradoxos que discutimos anteriormente. Podemos recorrer a uma busca das respostas articuladas pelos homens homossexuais à epidemia. Inicialmente, poderíamos pensar que as respostas foram as mais heterogêneas possíveis. Discutir a natureza e a função dessa heterogeneidade é o objetivo do presente capítulo. A natureza da heterogeneidade é encontrada numa ampla rede de aceitação do fato homossexual que pode ser pensada como um processo extra-homossexualidade que, no entanto, funda um novo espaço para as diferenças sexuais.

A aceitação é o outro lado da normalização. O longo processo de emergência da identidade homossexual pode ser visto como a história de uma aceitação. Dito assim, poderíamos pensar que a aceitação é efeito de um gerenciamento das pluralidades. O travesti na novela da televisão é a confluência de olhares mais compreensivos em relação ao fato homossexual. Esse processo de caricaturarização serve de incentivo para as lutas contemporâneas em torno da desmontagem da equivocada fórmula "homossexualidade = AIDS", pois a mídia produz uma imagem higiênica e moral do homossexual envolvido em afazeres domésticos, conselhos, trabalho, enfim, participante da vida cotidiana mais normal possível.

A rede de aceitação da homossexualidade é, hoje, uma máquina sustentada por revistas de fino acabamento, empresas de turismo de alto luxo, psicanalistas bem-intencionados, artistas engajados, associações envolvidas na luta contra a AIDS e muitos outros atores. Obviamente que os interesses são os mais diversos possíveis, mas acabam compondo uma estrutura social mais tolerante e, no entanto, menos envolvida. A tolerância é a substância da banalização nesse exemplo: algo esvaziado é travestido de normal. A homossexualidade é re-organizada como pertencente ao nosso mundo: mães normais com pais normais podem ter filhos homossexuais que, por sua vez, podem ser as pessoas mais normais possíveis. O desejo virou um bom argumento para a incorporação do excesso na ordem do instituído.

O caminho para o cumprimento dessa função é trilhado pacientemente por relações sociais significantes. Talvez a proximidade da morte em massa tenha trazido compaixão e produzido, provisoriamente, uma natureza infinitamente corrigível da homossexualidade. Isso tudo é apenas uma mera possibilidade. Não devemos esquecer que ao mesmo tempo em que há essa inclusão do desejo homossexual na sala de estar, outros encaminhamentos são dados à experiência erótica entre corpos do mesmo sexo. Um desses encaminhamentos é uma aparente masculinização do homossexual que é cada vez mais jovem e invisível. Esse efeito de superfície dá o teor de uma posição contemporânea da homossexualidade: mulheres têm preferido relacionar-se afetivo e sexualmente com amigos "gays" mais sensíveis à feminilidade.

Essa surpreendente função do homossexual é mais uma divertida maneira de levar à cama esses homens delicados que não precisam explorar a sutileza da condição feminina. De camisinha em punho, os rapazes homossexuais mostram aos heterossexuais que há uma crise na nossa gramática afetiva. Crise trazida pelo gerenciamento de uma epidemia que tem conseguido provocar discursos e efeitos de discursos no cerne das relações afetivas. A epidemia literal vira instauração discursiva de um processo de otimização da experiência sexual, psicologização dos atores envolvidos com sua emergência e articula um novo excesso sobre a sexualidade, ou seja, torna-a

algo que necessita antes de mais nada de ser controlada, re-investida, re-significada e transmitida.

Assim, a função da heterogeneidade das respostas em torno da AIDS parece ser a de compor com a rede de aceitação social uma estrutura inacabada das experiências sexuais. Se, por um lado, o corpo social absorve a heterogeneidade em prol de uma diversidade de cristalizações e capilarizações, o fato homossexual dobra-se ao infinito pelo caráter transitório de suas emergências históricas. Aqui, necessitamos de uma discussão mais aprofundada acerca desse tema. A heterogeneidade das respostas em torno da epidemia pode ser considerada como efeito tanto de uma maior aceitação da homossexualidade quanto de emergências históricas que dão contornos a virtualidades da experiência entre homens.

Considerar a heterogeneidade como uma circunstância de dupla significação implica em não compreender a homossexualidade como acontecimento acabado e remetido a um imperativo organizador das experiências. Justamente pelo fato de que há parcialidade em construções sociais, a experiência homossexual ainda pode escapar a rede de significações dominantes. Através da AIDS, um novo conhecimento sobre a homossexualidade é articulado e utilizado com diferentes finalidades pelos próprios homens envolvidos com essa realidade. Essa possibilidade de utilização desmonta uma mera organização exterior à própria experiência cotidiana.

A partir dessa concepção, compreende-se a função da literatura no caso da homossexualidade contemporânea. Ao mesmo tempo em que pode-se utilizar o "pouco" oferecido pela época, algo de essencialmente "atual" é constituído como espessura de um acontecimento. Por exemplo, os homens dos contos de Caio Fernando Abreu são homens comuns, alguns são o exemplo de "flâneurs"<sup>1</sup> que buscam fragmentos de vozes, reminiscências urbanas. A esse homem fragilmente colocado no meio da cidade, o narrador lança seu olhar cúmplice dos desejos e das procuras. O desejo por outro homem acontece na vida de alguns personagens sem necessitar de condições anteriores, nada em suas mentes ou corpos arrisca a uma opinião suficientemente forte sobre o desejo. Dessa forma, Caio Fernando Abreu absorve a sua época para escrever a diferença, a intensidade.

Também para Walter Benjamin ([1940], 1993), o historiador materialista "[EXTRAI] uma época determina da do curso homogêneo da história; do mesmo modo, ele extrai da época uma vida determinada e, da obra composta durante essa vida, uma obra determinada. Seu método resulta em que na obra o conjunto da obra, no conjunto da obra a época e na época a totalidade do processo histórico são preservados e transcendidos. O fruto nutritivo do que é compreendido historicamente contém em seu interior o tempo, como sementes preciosas, mas insípidas." (p.231). Ora, dessa forma, a história pode se utilizar da literatura como instrumento de construção do tempo histórico. Fazendo isso, não se constitui uma hierarquia entre



a "massa dos fatos" e a visão minoritária - no caso de uma literatura envolvida ético e esteticamente com desejos minoritários - , pois a densidade histórica é efeito de uma diferenciação e constante necessidade de superação dos fatos.

A literatura, dessa forma, pode se realizar num nível de preservação da época em que é articulada, ao mesmo tempo em que transcende essa época. Essa ambigüidade da obra não é sublinhada apenas pelo crítico ou pelo historiador, mas serve de inspiração para o próprio autor. Partindo desse "princípio", o tema da AIDS e da homossexualidade contemporânea podem ser refletidos a partir da contribuição do autor Caio Fernando Abreu que apresenta uma composição emerge de uma ambigüidade ética e estrutural já apontada anteriormente. No conto Anotações Sobre Um Amor Urbano (1995)<sup>2</sup>, o autor nos descreve dois homens contemporâneos, pertencentes a uma época povoada por vírus e pestes. A certa altura do conto, um personagem diz : *"(...) a cidade está podre, você sabe. Mas a cidade está louca, você sabe. Sim, a cidade está doente, você sabe. E o vírus caminha em nossas veias, companheiro."* (p.205)

O trecho citado do conto, originalmente escrito em 1977, pode servir de legenda para a apresentação de um homem assustado com a nova configuração da cidade trazida pelo gerenciamento da AIDS; estaria a cidade doente? Ou a angústia em massa trazida pela epidemia leva a suposição de uma loucura coletiva? No parágrafo seguinte do conto, os personagens chegam a uma certa conclusão :

"(...) - eu tenho medo, não quero correr riscos - mas agora só existe um jeito e esse jeito é correr o risco - não é mais possível - vamos parar por aqui - (...) anormal, eu tenho medo - medo é culpa, medo é moral - não vê que é isso que eles querem que você sinta? medo, culpa, vergonha (...)"(p.205)

O "risco" apontado pelo personagem foi articulado como um contorno atual da prática homossexual. Esse "risco" sombrio parece ser atributo necessário das práticas eróticas minoritárias e essa racionalidade é re-investida na homossexualidade contemporânea, grupo de risco primordial da AIDS. Se partirmos da hipótese de que a gestão de um acontecimento como a AIDS não é função exclusiva da ciência e de agentes reconhecidamente efetivos do corpo social, teremos que pesquisar como os próprios homens envolvidos com essa problemática em suas vidas responderam a uma nova configuração da sociedade trazida por uma epidemia. Algumas respostas seriam como a de um personagem do conto de Abreu citado anteriormente:

"Eu quero o risco(...) Nem que seja a morte."(p.206)

Se o investimento não for o risco, o que haverá? Pergunta que chama outra pergunta: "Até quando esses remendos inventados resistirão à peste que se infiltra pelos rombos do nosso encontro?"(idem,p.206) Essa fisionomia apressada do homem homossexual parece ser a transição para uma posição na atualidade da AIDS, quer dizer, não apenas aceitar os modelos oferecidos pelas campanhas de saúde pública mas produzir formas singulares de relação com o perigo. Por esse motivo, não seria

ético considerar como "ignorância" ou "ousadia" opções tomadas por atores sociais envolvidos com a realidade da AIDS, já que o princípio para a gestão de um "risco" pode ser o conhecimento e a cisão, não porque a saúde pública não seja efetiva ou competente, mas porque não há uma concepção monolítica de "vida" e "erotismo" que norteie as medidas preventivas tomadas por sujeitos do cotidiano.

Além disso, se nos situarmos algum tempo antes da emergência da AIDS, poderemos observar um processo contínuo de instauração de pluralidades afetivas, subjetivas e eróticas no tocante ao desejo homossexual. E, aqui, mais uma vez recorre-se a literatura de Caio Fernando Abreu como laboratório de alegorias a respeito desse movimento. Há um conto que pode nos servir de texto para a cena contemporânea do desejo entre homens. O conto chama-se O Pequeno Monstro (1988)<sup>3</sup> e apresenta a iniciação sexual de um adolescente por um primo.

A partir dessa incipiente característica, o conto nos lança numa atmosfera incomum. Sem culpa, sem indícios que condicionem a experiência erótica ou que instaurem uma identidade sexual definida da personagem principal, o conto é narrado com uma naturalidade extremamente contemporânea. Sem inaugurar uma "démarche" psicológica para as personagens eroticamente envolvidas com o desejo homossexual, Caio Fernando Abreu absorve o seu tempo: não há condições exclusivamente psicológicas para a emergência do desejo homossexual. Dessa forma, a culpa, a moralidade e o objetivo do homossexual

oitocentista - na voz de seus tutores sociais - de procurar a razão de seu desejo, ou miná-lo a custo de uma "metamorfose psíquica", não encontram espaço satisfatório para a realização de suas funções de manutenção de uma certa ordem sexual.

O argumento contrário a essa observação poderia ser o de que experiências eróticas entre pessoas do mesmo sexo são comuns na adolescência e que, de certa forma, esse episódio constitui uma fase do desenvolvimento sexual de um sujeito. A posição apresentada aqui é totalmente diferente dessa hipótese, pois é fruto da observação de que não há um desenvolvimento linear da sexualidade humana além do que a homossexualidade não pode ser encarada como um aspecto de uma dialética subjetiva onde a heterossexualidade teria a função positiva e seria o "telos" do desenvolvimento sexual. A partir do conto de Caio Fernando Abreu citado no parágrafo anterior, podemos supor um ambiente mais favorável à vivência do desejo erótico entre homens como dotada de intensidade própria e não como aspecto de evolução subjetiva.

Uma possibilidade como essa oferece ao leitor e ao pesquisador condições para uma outra visibilidade do fato homossexual na contemporaneidade. O autor Caio Fernando Abreu é um fisionomista da contemporaneidade e o seu texto é, em parte, produto de uma reflexão apurada sobre a geração que sofreu um dos maiores impactos da AIDS: sexualmente ativos, experimentadores de novas possibilidades erótico-afetivas, usuários de drogas injetáveis, ex-hippies e atuais jovens que

" (...) aos sábados, com a barba por fazer, sobem ou descem a rua Augusta (...); olham para baixo (...) como se procurassem tesouros perdidos, bilhetes secretos, alguma jóia ou objeto que, mais que valor, guardasse também uma história imaginária ou real, que importa ? " ( 1995, P. 224 ). A essa geração \_ ou " gerações " \_ o autor dirige o seu olhar.

O olhar do autor realiza um desvio na história oficial da AIDS; narra o medo, a incerteza, mas encontra caminho onde só se observa ruínas. Mas o caminho encontrado ainda não é garantia de felicidade, e não se sabe quais os objetivos das suas personagens que, como possuindo o que Benjamin chamou de "caráter destrutivo", não terminam suas aventuras com o ponto final do conto ou romance. Subvertendo o gênero, C. F. Abreu nos faz imaginar o que terá acontecido depois do fim da narração. Sentado na minha sala, os contos do autor me servem de inspiração para a atual discussão e me lembram a personagem principal do filme Tomates Verdes Fritos que narra a sua vida para uma moça que é tomada pela história, utilizando a aventura da heroína das memórias da narradora como inspiração para o confronto com seus problemas cotidianos.

Essa possibilidade de incorporação da experiência vivida por outra pessoa no fluxo de sua própria história não encontra vias de realização na atualidade, quando a velocidade da informação coagula a comunicação, impossibilita a continuidade e a tradição, além de produzir estereotípias. A emergência da AIDS acelera um processo de articulação de estereotípias sobre

a prática homossexual, na medida em que há uma aproximação da mesma com a morte coletiva. Ao mesmo tempo em que isso ocorre, há uma desvalorização dos confrontos individuais e/ou coletivos que singularizam embates com a epidemia.

A heterogeneidade das respostas em torno da AIDS pode ser encarada também como uma característica da própria diversidade de sujeitos e desejos envolvidos com a prática homossexual. Dessa forma, um programa de prevenção em saúde pública teria que se ater, minimamente, nesse sugestivo processo contemporâneo. Aqui a literatura atualiza essa virtualidade da prática homossexual, produzindo nas brechas do discurso hegemônico um diálogo fecundo entre a época da AIDS e o sujeito homossexual: *" tantas mortes, não existem mais dedos nas mãos e nos pés para contar os que foram. Viver agora, tarefa dura. De cada dia arrancar das coisas, com as unhas, uma modesta alegria; em cada noite descobrir um motivo razoável para acordar amanhã."* ( Caio Fernando Abreu, 1995, pp. 207-208 ).

Aqui, observa-se um confronto com a morte de pessoas próximas e uma tensa tentativa de " continuar vivo ". Esse projeto de dar continuidade à vida pode servir de reflexo de uma ética contemporânea das práticas eróticas, na árdua tarefa de gerir um risco iminente às relações articulando uma aproximação entre vida e prazer. O argumento de uma vida saudável torna-se, atualmente, uma estratégia de planificação das experiências cotidianas, mas na citação anterior podemos observar como os critérios utilizados nas existências

cotidianas variam de acordo com interesses específicos. A personagem do conto citado quer encontrar um "motivo razoável" para continuar viva. Talvez esse motivo não seja o mesmo proferido por campanhas de saúde pública envolvidas com a gestão da AIDS.

Além disso, o "viver agora (...)" pode ser uma fórmula de intensificação das experiências eróticas entre pessoas do mesmo sexo. No caso da homossexualidade masculina, a AIDS não apenas transforma as relações cotidianas envolvidas com o desejo homossexual, mas também suscita processos de re-identificação com o homossexual oitocentista, ou seja, autônomo, inteligível, passível de significações diversas. Na direção contrária à essa ordem social, o desejo homossexual encontra níveis de realização em princípios independentes da identidade homossexual forjada na modernidade.

Como decorrência dessa discussão, pode-se compreender a existência do desejo homossexual como sendo, em certa medida, produto de uma ambigüidade profunda; de um lado identidade, de outro ausência de reconhecimento. Ao lado da identidade, a prevenção articula o campo da própria experiência erótica e, ao lado de uma ausência de reconhecimento, a experiência cotidiana provoca uma ruptura na significação de um suposto movimento homossexual contemporâneo. Imaginemos a AIDS trazendo uma problemática atual a essa estrutura apontada anteriormente: vimos uma re-organização de homens homossexuais em torno da epidemia, utilizando a solidariedade como catalisador de uma

discussão sobre a saúde, o prazer e o corpo. Além disso, vimos a racionalidade científica contemporânea trazer à luz as existências não-identitárias relacionadas ao desejo homossexual.

A partir dessa "descoberta", a busca de um entendimento dessas práticas singulares tornou-se ponto de concordância. Mas o que a "ciência" está forjando com sua descoberta, envelhece facilmente diante do processo que podemos apontar como surgimento de práticas que possuem regularidades independentes da identidade. Aqui, uma crítica ao conceito de identidade como objetivo formal de práticas eróticas, ou seja, uma crítica ao conceito de identidade a partir da constatação de que esse esquema de similitude entre a experiência e o sujeito parece constituir um campo de entendimento geral sobre a existência cotidiana, mas acaba coagulando a própria experiência.

No conceito de cultura, por exemplo, podemos perceber essa racionalidade ligada à similitude, ou seja, a cultura como correspondente imediato da vida do povo. Mas se imbuída ao conceito de cultura há a perspectiva da descontinuidade, quer dizer, se a cultura não é a realização de uma natureza, ela também se torna barbárie. Dessa forma, o pensamento de Benjamin nos auxilia, indiretamente, no entendimento da atualidade em torno da identidade dos homossexuais. A identidade forjada como possibilidade coletiva traz em sua constituição indícios de uma barbárie, que necessita ser incorporada a uma prática contingente que alia o corpo à história. Depois dessa operação,



as gerações futuras poderão narrar esse embate como "a necessidade da época".

Uma das formas de fotografar esse embate se encontra no campo da literatura, nessa alegoria onde a contingência acaba virando tradição e necessidade. Caio Fernando Abreu faz essa operação: indiscreto na cama de dois rapazes da década de oitenta, imoral nas mãos de um rapaz que retira "água prateada" de seu corpo, insensato na pele do médico que abriga um desconhecido em sua casa num vilarejo provocando revolta e inquietude, desesperado na mente do homem que recebe a visita mística de um marinheiro a cada década, lírico na violência de uma primeira relação sexual entre um rapaz e um militar, doce e infantil na apresentação de sua dor quando sua vida se aproximava do fim.

Caio Fernando Abreu é muitos. Sua narrativa provoca a re-elaboração da experiência homossexual contemporânea, trazendo à luz a infância não para racionalizá-la, mas para torná-la necessária, como são necessários raios de sol brincando em estilhaços de porcelana espalhados pelo chão de um apartamento fétido no meio da metrópole, como são necessários banheiros grafitados com convites sexuais, como é necessário esse diálogo:

*"Eu nasci neste tempo em que tudo acabou, eu não tenho futuro, eu não acredito em nada- isso ele não diz, mas eu escuto(...)  
Ele, o homem [um outro] , passa a palma da mão pelos cabelos ralos, como se acariciasse o tempo passado, e diz , o homem*

*diz: não tenha medo, vai passar. Não tenha medo, menino. Você vai encontrar um jeito certo, embora não exista o jeito certo. Mas você vai encontrar o seu jeito, e é ele que importa."*(1991,pp.63-64)

O diálogo tem uma personagem indiscreta apresentando os dois outros homens: um rapaz de vinte anos e um homem de quarenta. Essa personagem "escuta" o diálogo tenso entre uma geração perdida e uma passada, entre quem tem pouco o que aproveitar e quem tem um pouco a compartilhar. A personagem que escuta talvez seja o narrador, talvez seja o autor numa noite dentro da cidade. Mas ela nos apresenta uma situação absolutamente radical, a possibilidade de um diálogo entre três. Esse terceiro se não se apresenta como transcendente, se articula como fisionomista da crise. Ela cata os estilhaços de versos, frases e desesperos tentando tornar inteligível o tempo presente, mas ao final os versos e frases continuam rústicos, ou seja , continuam eles mesmos.

Esse tipo de articulação nos serve de inspiração para afirmar a função positiva da literatura no caso da homossexualidade contemporânea. O autor produz um texto onde está presente o homem da atualidade e após essa sua apresentação, não há a incorporação desse homem à ordem instituída, pois nem sempre os finais de seus textos são felizes- e nem sempre a ordem instituída se correlaciona à felicidade - ou apontam para uma transcendência do diálogo, da crise. O narrador desses contos está geralmente incomodado com

as informações que chegam aos seus ouvidos, não que ele tenha pudor, mas porque ele está sempre posto de uma maneira tosca em seu mundo e tem certeza de que não é retratista. Esse narrador se assemelha ao historiador materialista que busca reconhecer a função da ruptura nas histórias efetivas dos temas contemporâneos ao seu próprio tempo.

A partir dessa inspiração, sou lançado à questão do presente capítulo, constituindo uma reflexão sobre a heterogeneidade estrutural da homossexualidade contemporânea. A citada heterogeneidade é anterior à AIDS e modificável com a AIDS. A partir da AIDS, ficamos sabendo da existência de práticas singulares ligadas ao desejo homossexual e da dificuldade em constituir um campo social onde prevenção, saúde pública e vida coletiva adquiram o estatuto de regularidades se esses elementos não são passíveis de construções coletivas, quer dizer, produtos da crise a partir do reconhecimento da atividade positiva dos desejos minoritários. Assim, aliar a preocupação com a saúde coletiva às tramas do cotidiano é tentar sugerir uma implicação das atitudes tomadas pelos atores sociais envolvidos numa epidemia.

O debate sobre esse tema nos lança à tentativa de compreender o tempo presente e a função da homossexualidade no mesmo. É importante percebermos que o tema da sexualidade contemporânea está necessariamente relançado aos complexos processos de constituição de uma subjetividade, pois aparecem como condição de possibilidade da emergência do sujeito. Mas se

utilizarmos uma visão histórica que reconheça a descontinuidade e desconfie das finalidades dialéticas, o sujeito da contemporaneidade se encontra em vias de constituir-se na própria espessura da história, ou ainda de ser elemento constituinte do tempo histórico. O sujeito da sexualidade, como sinônimo de atores envolvidos na prática erótica, é o reconhecimento de uma linha de decorrência: o sujeito decorre da história. Mas a prática erótica tomada como processo intensivo, circunscrito ao mapa de seus percursos no corpo social pode estar destituindo a história de ser apenas condição de possibilidade para se tornar processo de diálogos entre instâncias sociais diversas. Assim, o que era decorrência, começa a se relacionar sem hierarquia com sua própria história.

Talvez a aparente ineficácia de campanhas de prevenção em relação à AIDS tenha nos mostrado que é preciso reconhecer a instabilidade de subjetividades relacionadas à modernidade, momento histórico de aparecimento da identidade homossexual. Aqui, podemos pensar em formas de aliança mais complexas entre o poder médico-científico e os sujeitos do cotidiano de maneira a possibilitar embates mais fecundos com os perigos. Ou talvez reconhecer que os embates mais fecundos existiram, bastando utilizá-los como inspiração para campanhas vindouras.

## NOTAS

1 - Essa expressão é utilizada por Benjamin em sua análise da obra de Charles Baudelaire, poeta considerado fisionomista da emergência da modernidade européia. O "Flâneur" é o transeunte que constrói uma relação anacrônica com os vestígios deixados pela civilização nas cidades : encontra abrigo em galerias suntuosas, procura a mulher que acabou de o olhar na esquina anterior e é totalmente absorvido pela massa de cidadãos que passeiam pela cidade. Dessa forma, ele serve de inspiração para Benjamin, que está propondo uma relação visceral com a cidade e a história, atualizando uma historiografia marxista comprometida não com o futuro, mas com o passado e o seu presente imediato. Sobre esse tema ver o volume 2 das Obras Escolhidas de Walter Benjamin..

2 - Encontrado no livro *Ovelhas Negras*, cujas informações adicionais sobre a edição utilizada no presente trabalho no item "Referências Bibliográficas".

3 - Encontrado no livro *Os Dragões Não Conhecem O Paraíso*. Informações adicionais em "Referências Bibliográficas

## CONCLUSÃO

No trabalho construído, a discussão sobre a epidemia de AIDS se relacionou com a prática homossexual de forma a esclarecer as condições de articulação do conceito de grupos de risco. A partir disso, tentou-se refletir sobre a atualidade da função da homossexualidade masculina, num tempo onde há uma aparente aceitação dessa prática pelo corpo social como um todo. Utilizou-se o campo da história, principalmente as contribuições de Walter Benjamin, para uma visibilidade eticamente envolvida com os embates minoritários com a epidemia e sua gestão por agentes sociais competentes.

A pesquisa pode ser levada a um campo onde seja privilegiado o levantamento das histórias de homens homossexuais envolvidos com a AIDS e sua gestão. A partir dessa posição, acredita-se que poderá se ter uma visão mais ampla e complexa dos problemas trazidos pela epidemia no tocante ao desejo homossexual. O presente trabalho pode servir de problematização inicial de questões que merecem ser tratadas com muita atenção, devido ao grau de implicação com o nosso tempo presente.

Como proposta mais geral, pode ser citada a necessidade de uma problematização das campanhas de prevenção e de seus conceitos subjacentes de vida e prática erótica, de forma a torná-las tanto mais eficazes quanto transitórias, na medida em que se pode reconhecer a urgência de campanhas locais,

circunscritas à realidades sociais específicas, respeitando a possibilidade de interpretações diversas que são necessárias e produtivas, mesmo que totalmente contrárias ao objetivo mais imediato de campanhas de saúde pública que são, geralmente, produtos de uma preocupação com gerenciamento da vida social.

A afirmação que se pode fazer é a de que a homossexualidade masculina foi profundamente modificada pela emergência da AIDS e a de que os homens eroticamente envolvidos com a prática homossexual modificaram as relações sociais hegemônicas em torno da epidemia, sendo em muitos lugares os precursores da mobilização da sociedade civil em decorrência da AIDS. Além disso, são personagens de extrema importância para a gestão de uma epidemia. A prática homossexual também se modificou a partir de suas próprias urgências, não referidas apenas à AIDS. Criar condições de interpretação dessas urgências é função de pesquisas qualitativas preocupadas com a vida em sociedade.

Há a necessidade de reconhecer a função das práticas minoritárias em relação às epidemias de forma a criar diálogos mais profícuos com o cotidiano. A partir disso, tornar mais efetivo o papel das racionalidades envolvidas com questões do corpo social. Talvez haja homens que sejam efetivos em suas próprias vidas, respondendo à epidemia da AIDS de maneira criativa e corajosa. Se não pudermos reconhecer esses esforços, que esse trabalho sirva de pretexto para uma homenagem a essas vidas cotidianas cheias de intensidade.

De acordo com Benjamin ( [1940],1993 ):

" (...) *nossa imagem de felicidade é totalmente marcada pela época que nos foi atribuída pelo curso da nossa existência. A felicidade capaz de suscitar nossa inveja está toda, inteira, no ar que já respiramos, nos homens com os quais poderíamos ter conversado, nas mulheres que poderíamos ter possuído.*" (pp.222-223 ).

A partir dessa afirmação, arrisca-se a pensar numa inveja que sentimos nesse tempo que é o nosso. Inveja de algo que já deve ter passado pelos nossos olhos como imagem que se fixa num relampejo ( Benjamin, idem ). Inveja de Herbert Daniel, precursor de todas as lutas. Inveja de Caio Fernando Abreu, insensato construtor de outra língua no interior de nossa Língua. Inveja de Walter Benjamin, inaceitável pensador numa academia impermeável à vida. Inveja de quem se confronta, todos os dias com o que se trata na esfera do pensamento, do que sou quando não estou escrevendo essas linhas. Inveja de todos que não se lamentam de não ter possuído o que passou como um raio, pois se agarraram à felicidade a que aspiramos junto com o ar que respiramos. Inveja não. Reconhecimento: viver é um ato de coragem. E se não reconhecermos, ainda deverá ser assim como tem sido: com o pouco que nos oferecem construir um abrigo provisório. Fazer poesia em guardanapo, lutar pela vida em tempo de guerra e fazer o uso que bem se quiser do seu próprio corpo num tempo em que é a ele que devemos nos ater, tanto nos trabalhos quanto nas existências, constituindo um materialismo



cada vez mais efetivo, porque imbuído da sensibilidade necessária. Essa perspectiva se atualiza com a contribuição de Benjamin, que nos auxilia na tentativa de aproximar o materialismo dialético de domínios como a arte, a filosofia e a literatura sem destituí-los de sua força de provocar novos recomeços em nossas narrativas. Como essa, que se finda. Que ela possa provocar alguma outra narrativa. É urgente.

## Referências Bibliográficas

ABREU, Caio Fernando. **OVELHAS NEGRAS**. Porto Alegre, Sulina, 1995

ABREU, Caio Fernando. **OS DRAGÕES NÃO CONHECEM O PARAÍSO**. São Paulo, Companhia das Letras, 1991.

ALMEIDA, Angela Mendes de. **A REPÚBLICA DE WEIMAR E A ASCENSÃO DO NAZISMO**. São Paulo, Brasiliense, 1990.

BENJAMIN, Walter. **OBRAS ESCOLHIDAS : MAGIA E TÉCNICA, ARTE E POLÍTICA**. São Paulo, Brasiliense, 1993.

BENJAMIN, Walter. **REFLEXÕES: A CRIANÇA, O BRINQUEDO, A EDUCAÇÃO**. São Paulo, Summus, 1984.

CALVINO, Ítalo. **AS CIDADES INVISÍVEIS**. São Paulo, Companhia das Letras, 1991.

CAMARGO JR., Kenneth Rochel de. **AS CIÊNCIAS DA AIDS E A AIDS DA CIÊNCIA: DISCURSO MÉDICO E A CONSTRUÇÃO DA AIDS**. Rio de Janeiro, Relume- Dumará, 1994.

CANGUILHEM, Georges. **IDEOLOGIA E RACIONALIDADE NAS CIÊNCIAS DA VIDA**. Lisboa, Edições 70, 1977.

COSTA, Jurandir Freire. O Homoeroticismo diante da AIDS. In: PARKER, Richard. **AIDS NO BRASIL**. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1994.

DANIEL, Herbert e PARKER, Richard. **AIDS: A TERCEIRA EPIDEMIA DOIS OLHARES SE CRUZAM NUMA NOITE SUJA**. São Paulo, Iglu, 1990.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, FÉLIX. **KAFKA : POR UMA LITERATURA MENOR**. Rio de Janeiro, Imago, 1977.

FOUCAULT, Michel. **O NASCIMENTO DA CLÍNICA**. Rio de Janeiro, Forense- Universitária, 1977.

FOUCAULT, Michel. **HISTÓRIA DA SEXUALIDADE I : A VONTADE DE SABER**. Rio de Janeiro, Graal, 1993.

FOUCAULT, Michel. **MICROFÍSICA DO PODER**. Rio de Janeiro, Graal, 1979.

FRY, Peter. **PARA INGLÊS VER: IDENTIDADE E POLÍTICA NA CULTURA BRASILEIRA**. São Paulo, Zahar, 1982.

GAGNEBIN, Jeanne-Marie. **HISTÓRIA E NARRAÇÃO EM WALTER BENJAMIN**. São Paulo, Perspectiva-Fapesp, 1994.

HELLER, Agnes. **O COTIDIANO E A HISTÓRIA**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1989.

HOBSBAWM, Eric J. **A ERA DAS REVOLUÇÕES : EUROPA 1789- 1848**. Rio de Janeiro, 1982.

MURICY, Kátia. **A RAZÃO CÉTICA : MACHADO DE ASSIS E AS QUESTÕES DE SEU TEMPO**. São Paulo, Companhia das Letras, 1988.

PARKER, Richard(organizador). **AIDS NO BRASIL**. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1994.

PERLONGHER, Néstor. **O QUE É AIDS**. São Paulo, 1987.

PERLONGHER, Néstor. O Desaparecimento da Homossexualidade.  
In: LANCETTI, Antônio (direção). **SÁUDELOUCURA NÚMERO 3**. São Paulo, Hucitec, 1991.

POLLAK, Michael. A Homossexualidade Masculina ou : a felicidade no gueto?. In : ARIÈS, Philippe e BEJIN,

André (organizadores). **SEXUALIDADES OCIDENTAIS**. São Paulo, Brasiliense, 1985.

KONDER, Leandro. **WALTER BENJAMIN : O MARXISMO DA MELANCOLIA**. Rio de Janeiro, Campus, 1989.

SONTAG, Susan. **AIDS E SUAS METÁFORAS**. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

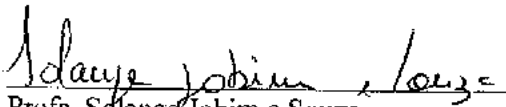
SONTAG, Susan. **ASSIM VIVEMOS AGORA**. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

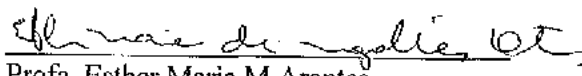
SONTAG, Susan. **CONTRA A INTERPRETAÇÃO**. Porto Alegre, L&PM, 1987.

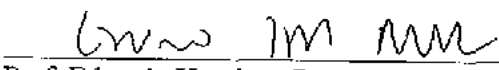
SONTAG, Susan. **DOENÇA COMO METÁFORA**. Rio de Janeiro, Graal, 1984.

VEYNE, Paul. **COMO SE ESCREVE A HISTÓRIA**. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1982.


Tese apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC-Rio pelo aluno Marcelo Santana Ferreira "Os homossexuais e a aids: Imagens de uma epidemia", e aprovada pela Banca Examinadora constituída pelas seguintes Professoras:

  
Profa. Sclange Jobim e Souza  
Professora Orientadora

  
Profa. Esther Maria M. Arantes  
PUC-Rio

  
Prof. Eduardo Henrique Passos Pereira  
UFF

Visto e permitida a impressão  
Rio de Janeiro, 10/3/97

  
Prof. Jurgen Heye  
Coordenador dos Programas de Pós-Graduação  
do Centro Ciências Humanas